

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Samantha Sartor Parisotto

**“MAS AFINAL, O QUE É A LIBERDADE?”  
O SURGIMENTO DA REVISTA *PIF-PAF* NO PÓS GOLPE DE 1964**

Porto Alegre

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

“Mas afinal, o que é a liberdade?”

O surgimento da Revista *Pif-Paf* no pós golpe de 1964

Samantha Sartor Parisotto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito final para a obtenção do grau de licenciada em História

Orientação: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Porto Alegre

2018

Samantha Sartor Parisotto

“Mas afinal, o que é a liberdade?”

O surgimento da Revista *Pif-Paf* no pós golpe de 1964

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito final para a obtenção do grau de licenciada em História

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ma. Janaína Athaydes Contreiras

---

Prof. Ma. Fernanda Feltes

---

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós (Orientador) – UFRGS

## **AGRADECIMENTOS:**

Certa vez, perdida pelo universo da internet, vi a frase “Só não vê anjos aquele que não presta atenção nas pessoas que Deus coloca nas nossas vidas”, assim solta, sem referência nenhuma, tão perdida na rede quanto eu. Aos anjos que existem na minha vida, que ficaram ao meu lado em todos os altos e todos os baixos – mesmo que à distância em alguns momentos – e que nunca me deixaram desistir, deixo o meu mais sincero e mais amoroso agradecimento.

## **RESUMO:**

A presente monografia tem como objetivo analisar a Revista *Pif-Paf* (criada em 1964 por Millôr Fernandes), importante marco na História da Imprensa alternativa brasileira no contexto da resistência contra a Ditadura Civil-Militar de 1964. Com o objetivo de entendê-la como fonte histórica, são analisadas as suas diversas charges e imagens, a partir da ideia da mídia como formadora e propagadora de opinião dentro da sociedade. A revista é analisada a partir de dois pontos centrais: o humor político como uma arma da resistência contra a ditadura; a problematização das questões de gênero a partir das representações das mulheres utilizadas no periódico. Para tal análise, são empregados conceitos como “representação”, “gênero”, e “humor”, na tentativa de problematizar e contextualizar as temáticas nela presentes. A partir dos pontos que guiam a pesquisa, concluiremos que a força do humor como arma política, reside na desestabilização do objeto pela aproximação ao ridículo em uma tentativa de diminuir aqueles de quem ele fala. Mesmo sendo uma revista de contestação aos moldes autoritários e moralistas da ditadura, existia uma forte reprodução de preconceitos de gênero e machismo por parte de seus autores.

**Palavras chave:** Ditadura civil-militar; *Pif-Paf*; Resistência; Humor; Gênero.

## **ABSTRACT:**

This monograph aims to analyze the *Pif-Paf* magazine (created in 1964 by Millôr Fernandes), an important landmark in the history of the Brazilian alternative press in the context of resistance against the Civil-Military Dictatorship of 1964. In order to understand it as a historical source, it is analyzed its various cartoons and images, from the idea of media as a tool to form and propagate opinion within society. The journal is analyzed from two central points: the political humor as a weapon of resistance against dictatorship; the problematization of gender issues from the representations of women used in the journal. For this analysis, concepts such as "representation", "gender" and "humor" will be used in an attempt to problematize and contextualize the themes present in it. From those points that guide the research, we will conclude that the force of humor as a political weapon lies in the destabilization of the object by approaching ridicule in an attempt to diminish those of whom he speaks. Even though it was a magazine that challenged the dictatorship's authoritarian and moralistic molds, there was a strong reproduction of gender bias and male chauvinism by its authors.

**Key-words:** Civil-military Dictatorship; *Pif-Paf*; Resistance; Humor; Gender

## SUMÁRIO:

<b>Introdução</b> .....	8
<b>Capítulo 1 – O golpe civil militar e a imprensa brasileira</b> .....	15
1.1– A imprensa como formadora de opinião.....	17
1.2 – A resistência nas mídias alternativas.....	19
<b>Capítulo 2 – A Revista <i>Pif-Paf</i></b> .....	23
2.1 – Historicizando as imagens.....	24
2.2 – O humor político como arma.....	25
<b>Capítulo 3 – As relações de gênero e a revista <i>Pif-paf</i></b> .....	30
3.1 – As conexões entre representação e humor.....	32
3.2 – Gênero e dominação masculina na Revista <i>Pif-Paf</i> .....	34
<b>Considerações finais</b> .....	36
<b>Fontes utilizadas</b> .....	38
<b>Bibliografia</b> .....	38
<b>Anexos</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

A ditadura civil militar brasileira contou com vários mecanismos para reprimir a oposição criada contra ela. Uma das formas de resistência encontradas pelos setores democráticos foi a imprensa alternativa, com a criação de diversos jornais e revistas – muitas vezes clandestinos – que falavam de temas considerados subversivos e que iam de encontro aos interesses da ditadura.

Dentro deste contexto de combate a um governo golpista surge a *Revista Pif-Paf*, criada pelo humorista Millôr Fernandes, após ter sido demitido do jornal *O Cruzeiro*. Seu primeiro número foi lançado em maio de 1964, apenas um mês e meio após o golpe que instaurou a ditadura no país. *Pif-Paf* é considerada a primeira mídia de contestação ao governo ditatorial, servindo de inspiração, anos mais tarde, para diversas outras mídias que também teriam essa característica, como o jornal *O Pasquim*.

Millôr concebia Pif-Paf como um projeto gráfico orgânico. Mas não como um projeto ideológico. “Quem deu a ideologia foi o relatório do exército; eu nem estava pensando nisso, nem sabia que estava começando a imprensa alternativa”<sup>1</sup>.

Como dito por Millôr em uma entrevista concedida à Bernardo Kucinski, a *Pif-Paf* não foi criada com a intenção de propagar ideais de esquerda ou de ter um caráter ideológico, mas ao tratar de temas contrários aos interesses do governo ditatorial, a revista acaba sendo taxada como uma “mídia alternativa” pelos órgãos de segurança. Claudius Ceccon, um dos escritores da revista, a definiu como tendo um “humor ferino e certo, distribuindo porrada (mas sempre com muita finesse) à direita e à esquerda, teórica e figuradamente falando<sup>2</sup>”, o que ressalta o seu caráter de contestação não apenas ao governo e à direita, mas à todo tipo de pensamento que seus criadores pudessem criticar.

Ainda que a censura só tenha sido implementada de forma mais intensa após a decretação do AI-5, nos primeiros meses que seguiram o golpe ela já estava presente como parte da “Operação Limpeza”<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991. p. 29.

<sup>2</sup> Encarte “Pif Paf 40 Anos Depois: coleção fac-similar das 8 edições da Revista Pif Paf de Millôr Fernandes”. Organizadora Z’AS (Eliana Caruso). Rio de Janeiro: Argumento, 2005. p. 13.

<sup>3</sup> A Operação Limpeza foi uma estratégia criada pela ditadura. Se constituiu em um conjunto de medidas que visava acabar com a oposição, sob pretexto de “limpar” o país de atividades consideradas subversivas. Foi desencadeada nos mais diversos âmbitos, sendo um deles a imprensa, controlada por meio de censura. Sua justificativa ideológica e política estava assentada nas diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional.



Em setembro daquele ano [1964], em Genebra, a Comissão Internacional de Juristas publicou relatório condenando o governo pela detenção continuada de 8.000 pessoas, pela imposição de censura à imprensa e pela cassação de mandatos eleitorais.<sup>4</sup>

Alguns dos números levantados apontam que nos 21 anos que durou a ditadura “cerca de 500 filmes, 450 peças teatrais, 200 livros, 100 revistas, mil letras de música, 12 novelas de TV e 20 programas de rádio”<sup>5</sup> foram atingidos pelo ataque à liberdade de expressão. Nesse sentido, dentro desse contexto de censura, após a publicação de oito números, a *Pif-Paf* foi censurada definitivamente após ter existido por apenas três meses.

Ainda que as mídias alternativas tratassem de questões políticas<sup>6</sup>, elas acabavam por excluir alguns debates também muito importantes, como questões de gênero, raciais e LGBT’s<sup>7</sup>. Ignez Maria Serpa Ramminger diz em um de seus relatos “Convém destacar que a esquerda revolucionária, apesar de lutar pela construção de uma sociedade mais justa e solidária, por uma nova humanidade, reproduziu relações machistas com suas mulheres.”<sup>8</sup>. Mesmo que houvesse um maior debate sobre as diversas opressões da sociedade dentro dos espaços de oposição, ainda havia muito preconceito presente no discurso e nas ações dos militantes, jornalistas e escritores destas mídias. A *Pif-Paf* não escapou destas atitudes opressivas, uma vez que, quando a mulher era retratada, “tanto nessa revista [Pif-Paf] como nas demais, as mulheres eram tratadas meramente como objetos sexuais, de um modo geral.”<sup>9</sup>

Portanto, nesta monografia é feita uma análise do surgimento da *Pif-Paf* dentro do contexto das mídias alternativas e de como o humor pode ser utilizado como arma política. Também serão analisadas as aparições e os silêncios das questões de gênero dentro da *Pif-Paf*, e também como eram retratadas as mulheres quando de fato eram mostradas. É necessário analisar os discursos – e/ou a falta deles – dentro das mídias consideradas alternativas, e tentar

<sup>4</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984. p. 60

<sup>5</sup> CARRION, Raul. A ditadura não foi uma criação de “homens maus”. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964 – 1985): história e memória..** Porto Alegre: Corag, 2010 – v. 2, p. 49 – 64. p. 58.

<sup>6</sup> Aqui o termo “político” é utilizado estritamente no sentido de política partidária, de governo, pois a autora considera que também sejam questões de caráter político os debates de gênero, sexualidade, classe e raça.

<sup>7</sup> É importante lembrar que apesar da exclusão destes debates na maioria dos veículos de informação da esquerda, há diversos outros jornais e revistas criados com o intuito de trazer estes debates de forma específica. Podemos citar, por exemplo, revistas como *O Lampião da Esquina* (1978) e a *Nós Mulheres* (1976).

<sup>8</sup> RAMMINGER, Ignez Maria Serpa, “Na guerra com batom”. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. Op. cit., 2010 – v. 2. p. 142.

<sup>9</sup> TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975–1980)**. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 42.

entender como essas relações ocorriam, identificando os preconceitos e os estereótipos com que as mulheres eram apresentadas.

A partir desta temática, podemos elencar alguns dos objetivos desta pesquisa: 1º) Pensar como a mídia é utilizada dentro do contexto imediatamente após o golpe para a resistência à ditadura; 2º) analisar a forma como as mulheres foram retratadas dentro da revista, pensando nos estereótipos utilizados para descrevê-las e que mulheres estão sendo representadas. Dentro desta segunda questão, analisamos, também, quais as ideias que não eram consideradas válidas pelos humoristas, e que formas de argumentação foram utilizadas para tanto. Além disso, cabe refletir também sobre o porquê de, mesmo nessas mídias alternativas e dentro da própria esquerda (que tentavam refletir sobre diferentes formas de sociedades e liberdades) as questões de gênero ainda eram tratadas como secundárias ou desimportantes e, às vezes, até mesmo como problemas. Uma outra questão a ser trabalhada é a forma com que o humor é utilizado dentro desta mídia para a diminuição da importância de questões levantadas pelo movimento feminista e pelas mulheres nessa época, e para a subjugação da mulher como sujeito.

A vontade de trabalhar com este tema de pesquisa surgiu durante a leitura do livro “Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975 – 1980)”, escrito por Amelinha Teles e Rosalina Leite, que conta sobre o começo e o amadurecimento da imprensa feminista das décadas de 70 e 80 no Brasil. Ao explicar um pouco da necessidade de criar uma mídia feita por mulheres, voltada para mulheres e sobre temáticas que as tivessem como protagonistas, as autoras resgatam e questionam sobre a maneira como estes motes eram retratados dentro da imprensa e os estereótipos e preconceitos de gênero levados a diante com essas representações. Pensando nisso, surgiram algumas das dúvidas levantadas nos problemas desta pesquisa.

A ideia inicial, durante a escrita do projeto, era examinar como as questões de gênero e do feminismo apareciam dentro dessa revista, porém, ao analisar diretamente as reportagens e charges, não foi encontrado nada que falasse especificamente sobre feminismo ou que trouxesse explicitamente as questões de gênero. Apesar de pensar que o silêncio e as ausências também falam muito, se modificou a ideia inicial do projeto para trabalhar então com as formas que as mulheres apareciam na publicação. Se a fonte não fala abertamente e explicitamente sobre gênero, foi decidido analisar, então, como essas questões aparecem indiretamente nas reportagens e charges utilizadas na publicação. Sendo assim, o objetivo

desta pesquisa é perceber, a partir dos problemas supracitados, quais os olhares sobre as mulheres existentes em *Pif-Paf* na época de sua publicação.

Ao longo da construção de escrita do projeto de pesquisa, na tentativa de encontrar estudos específicos que analisassem as mídias alternativas criadas neste período histórico sob esta perspectiva, não foi encontrado nenhum trabalho que focasse na *Revista Pif-Paf*, mostrando a importância da realização desta monografia. Ao levantar algumas destas questões – e outras tantas – podemos fazer uma crítica aos movimentos da esquerda e de contestação ao governo ditatorial do país, mas não numa tentativa de crítica vazia. A crítica feita aqui é para compreender estes movimentos como parte da sociedade da época, que reproduzia sim relações de opressão com suas companheiras e mulheres no geral, e entender como se dava esse processo de dominação.

O conceito principal que permeia todo o trabalho, é o conceito de gênero e para tal será utilizado o texto de Joan Scott<sup>10</sup>, que pensa o termo a partir de um pensamento pós estruturalista que leva em conta as relações de poder existentes para que aquele conceito seja construído.

O desafio colocado [...] é, em última análise, um desafio teórico. Isso exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas a essas questões dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica.<sup>11</sup>

Como citado acima, outra importante contribuição deste texto para o projeto, é que Scott trabalha o conceito de gênero como uma categoria de análise histórica, e não apenas como a “história das mulheres”, como algo separado de uma “história principal” masculina.

Para melhor entender as relações entre homens e mulheres trazidas ao longo da pesquisa, é utilizada a análise de Pierre Bourdieu<sup>12</sup>. Apesar do autor não utilizar explicitamente o termo gênero no seu trabalho, o debate trazido na sua obra contribui muito para as ideias desta monografia, na medida em que o autor também acredita em uma leitura que leve em consideração o social para a construção da dominação masculina. A divisão entre os sexos,

<sup>10</sup> SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. 20(2). jul-dez 1995.

<sup>11</sup> Ibid. p. 74.

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

alerta, acaba por parecer algo que está “na ordem natural das coisas”<sup>13</sup> Os termos trazidos por ele como violência simbólica e outras ideias também presentes na obra, como as ideias de dominação e hierarquização, também nos remetem às ideias trabalhadas por Scott.

Para entender melhor sobre como se formam as ideias trazidas na *Revista Pif-Paf* e como elas se relacionam com o contexto do país naquela época, são utilizadas as contribuições de Roger Chartier<sup>14</sup>. Por trabalhar com uma linha teórica que leva em consideração o modo como as realidades sociais são construídas em determinados momentos, Chartier auxilia o entendimento da representação<sup>15</sup> feita pela revista sobre as mulheres. A percepção de que as narrativas literárias são parte importante da compreensão dos documentos analisados pelo historiador para a construção do discurso histórico, inspiram esta pesquisa.

Outra autora que contribui para a realização desta pesquisa é Louise Tilly<sup>16</sup>, uma vez que faz uma ligação entre alguns dos conceitos aqui abordados. Apesar de divergir um pouco de Scott no uso do conceito de gênero, Tilly trata a história social a partir desse conceito, trazendo uma perspectiva também fundamental para a pesquisa realizada nesta monografia, por considerar os atravessamentos entre os marcadores sociais dentro do contexto histórico.

Para pensar sobre esta mesma temática, porém a partir de outras mídias, os textos de Rachel Soihet<sup>17</sup> serão utilizados. É importante levar em conta as pesquisas já realizadas por outros pesquisadores que possam vir a contribuir para essa pesquisa e a análise de Soihet sobre *O Pasquim* é um exemplo disso. Além disso, elas também ajudam a entender como o humor é utilizado dentro destas mídias como uma ferramenta para desmerecer as questões de gênero que começam a ser discutidas no Brasil nesta época.

O humor também está presente no objeto de análise desta pesquisa, por isso, o livro de Skinner<sup>18</sup> foi utilizado nesta pesquisa para entender certas questões acerca da teoria do riso e do humor como ferramenta ideológica de desmerecer – ou enaltecer – pautas e debates. Skinner afirma que essa prática não é algo inventado na contemporaneidade, remontando até mesmo à antiguidade. Apesar do humor não ser o eixo central desta pesquisa, é de grande

---

<sup>13</sup> Ibid, p. 17

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger et al. A história cultural. **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

<sup>16</sup> TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, v. 3, p. 29-62, 1994.

<sup>17</sup> SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, 2005.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *ArtCultura*, v. 9, n. 14, 2009.

<sup>18</sup> SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

importância para entender algumas das práticas de desmerecimento utilizadas na mídia analisada.

Deve-se destacar também, os artigos que contribuíram na análise específica da mídia de imprensa como fonte. Autores como Bernardo Kucinski – que possui um livro especificamente sobre a imprensa alternativa – permitem entender o contexto em que essas mídias<sup>19</sup> estavam inseridas, a sua importância histórica, além de qualificar a reflexão sobre a utilização de jornais e revistas como fonte histórica.

Para melhor aproveitamento da pesquisa na monografia, foram realizados três capítulos, sendo o primeiro responsável pela contextualização histórica do período do golpe no Brasil, apontando as suas particularidades e consequências a curto prazo, ressaltando a existência de certas tendências golpistas.

O golpe militar não foi algo inesperado. Havia uma trajetória de acontecimentos que demonstravam que estava em curso, há muito tempo, uma crescente organização que não estava muito preocupada com o respeito às regras e normas democráticas e constitucionais.<sup>20</sup>

Também foi avaliada a ideia das mídias como formadoras de opinião dentro da sociedade, uma vez que elas atuam como produtora de consensos, “criando versões que acabam se constituindo em fonte e referência historiográfica. Isso implica dizer que a imprensa tem papel fundamental na produção de memórias sociais.”<sup>21</sup> Por outro lado, estas mídias também podem ser utilizadas como resistência às questões hegemônicas da sociedade. O documentário “Resistir é Preciso”<sup>22</sup>, que faz um resgate de como a imprensa foi utilizada ao longo da história do Brasil como ferramenta de resistência ao poder de governos e medidas autoritárias é de grande importância para isso.

No segundo capítulo é apresentada a fonte específica deste trabalho, a *Revista Pif-Paf*. Uma significativa contribuição teórica, visto que grande parte da revista é feita com imagens e

<sup>19</sup> Segundo o dicionário Aurélio, a mídia pode ser entendida como “Todo o suporte de difusão de informação (rádio, televisão, imprensa, publicação na Internet, videograma, satélite de telecomunicação, etc)”.

<sup>20</sup> PONT, Raul. Ausências e presenças da resistência na ditadura. In: PADRÓS et al, 2010, op. cit. V.1 p. 71.

<sup>21</sup> SILVA, Carla Luciana. Imprensa e ditadura no Brasil: *Veja* e consenso. In PADRÓS, Enrique Serra (Org.) **CONE SUL em tempos de ditadura: reflexões e debates sobre a História Recente**. Porto Alegre: Evangraf/UFRGS, 2013 p. 149.

<sup>22</sup> Documentário “**Resistir é preciso**”, 2014. Produção: Tc Filmes e TV Brasil; Direção: Ricardo Carvalho e Mário Masetti; Roteiro: Ricardo Carvalho e Carlos Azevedo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7o8ukCOFYy4&list=PLcdYRsZd3X4jrCvEiRigP0-gmFxo7R1hj>>. Acessado em: 19 fevereiro 2018.

charges, é Peter Burke<sup>23</sup>, para melhor analisar, ressaltar e historicizar tais imagens. Por fim, o humor é utilizado dentro da política, o papel do riso e da piada dentro destes espaços, implicam na análise de diversas charges publicadas dentro da *Pif-Paf*.

O terceiro, e último, capítulo, é focado na análise da revista a partir do conceito de gênero e a utilização do corpo e das imagens sexualizadas das mulheres dentro da revista. Antes de partir para a análise propriamente das imagens, é feita uma reflexão acerca das ligações que podemos fazer entre os conceitos de representação e humor, já mencionados acima. É trabalhado, neste capítulo, o modo como o corpo feminino é retratado, analisando colunas como “Stripif-tease”, onde há uma mulher fazendo um strip tease em uma sequência fotográfica, acompanhado da frase “Para ser uma garota Paf são necessárias muitas qualidades intelectuais.”. Por fim, ainda serão analisadas as reportagens feitas sobre o “monoquíni” – um biquíni de peça única, que deixava o corpo feminino muito mais à mostra do que os biquínis utilizados no Brasil nessa época – que havia virado febre na Europa e estava chegando às praias brasileiras.

Na busca por respostas – sempre provisórias –, mais do que procurar um julgamento ou submissão à verdade, este trabalho propõe-se a refletir, questionar, tencionar, perguntar e, principalmente, problematizar a *Revista Pif-Paf*, menos para construir respostas e mais para complexificar os questionamentos a ela. Como aponta Marcos Napolitano, o trabalho do historiador não é resgatar e nem condenar, mas tentar “compreender, criticar, apontar contradições, estabelecer conexões plausíveis a partir de uma argumentação baseada em indícios deixados pelas fontes.”<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.

<sup>24</sup> NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 17.

## CAPÍTULO 1 – O GOLPE CIVIL MILITAR E A IMPRENSA BRASILEIRA

Em 31 de março de 1964 ocorreu um golpe de Estado no Brasil, um golpe militar apoiado por diversas camadas da sociedade civil, que instaura uma ditadura que se prolongou por 21 anos. De março de 1964 até 1985, o Brasil foi controlado por uma sucessão de ditadores militares, que junto aos órgãos de controle e repressão – criados e reformulados ao longo desse período – acabaram com a democracia e perseguiram milhares de cidadãos que se opunham à ditadura. A crise da democracia brasileira pode ser remontada ao início da década de 60, em acontecimentos como a renúncia de Jânio Quadros da presidência e a subsequente Campanha da Legalidade de Leonel Brizola – governador do Rio Grande do Sul de 1959 a 1963 – para assegurar a posse do vice de Jânio, João Goulart, algo que grupos militares e da direita política tentavam barrar.

A posse de João Goulart se dá em meio a um confronto de polarização política. Há a resistência de Leonel Brizola aqui no Rio Grande do Sul, com o desafio de ter usado de maneira extremamente ousada as Forças Armadas a partir de uma tropa de segunda linha. [...] Mas a simples resistência [...] demonstravam que havia uma disputa crescente em curso.<sup>25</sup>

Havia uma forte disputa de poder entre as forças de direita, que tentavam impedir a posse, e as de esquerda, que tentavam defender o direito legal de Goulart de assumir a presidência.

A tentativa de impedir a posse de João Goulart como presidente, mostrava que a direita estava se organizando para impedir um possível avanço de políticas reformistas em um hipotético governo de Jango, pois elas faziam parte de uma plataforma política que acompanhou Goulart durante sua carreira política. Segundo Marcos Napolitano, a tentativa da esquerda de transformar a agenda reformista em um projeto político, gerou uma resposta imediata da direita brasileira<sup>26</sup>, entrando em contato e em conjunto com os setores militares. As articulações que vinham sendo pensadas como uma alternativa à agenda reformista foram, então, postas em prática como forma de barrar a possibilidade de um avanço da esquerda. O golpe ocorreu portanto, numa tentativa de “‘sanear’ os quadros políticos e partidários, para voltar à ‘normalidade institucional’, conforme a perspectiva liberal-oligárquica, ou seja: democracia para poucos, liberdade dentro da lei, hierarquias sociais estáveis.”<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> PONT. Op. cit., p. 76.

<sup>26</sup> NAPOLITANO. Op. cit., p. 17.

<sup>27</sup> Ibid, p. 18.

A manutenção dessa hierarquia social não era apenas uma preocupação das elites brasileiras, mas também do governo dos Estados Unidos da América. Como mostrado em uma série de documentos oficiais da embaixada estadunidense no Brasil<sup>28</sup>, havia uma forte influência governamental e midiática para criar uma atmosfera de um perigo comunista no país, influenciando o apoio popular ao movimento anticomunista. Napolitano escreve que o golpe “envolveu um conjunto heterogêneo de novos e velhos conspiradores contra Jango e contra o trabalhismo: civis e militares, liberais e autoritários, empresários e políticos, classe média e burguesia. Todos unidos pelo anticomunismo.”<sup>29</sup> Porém, o que para muitos apoiadores civis seria apenas um governo militar de transição para “botar ordem” no país, eliminando o perigo de uma ameaça comunista e acabando com o “inimigo interno”<sup>30</sup> acabou por se tornar uma ditadura que durou 21 anos.

É importante ressaltar que, pela sua indefinição, quase qualquer um poderia ser encaixado dentro do conceito de “inimigo interno”, consistindo nessa característica sua principal força. Sendo um dos “principais elementos que conferiam eficiência à Doutrina de Segurança Nacional”<sup>31</sup>, sua constante flexibilização durante os 21 anos da ditadura fez com que qualquer um que “de uma maneira ou outra, pudesse questionar, opor-se e, de alguma forma, levar à desestabilização do regime”<sup>32</sup> fosse considerado um risco à segurança nacional e punido como tal.

Assim que o golpe foi desencadeado, foram criados diversos mecanismos de controle e repressão por parte do governo, numa tentativa de controlar e eliminar a oposição que existia, e impedir que se articulasse e crescesse. Foi criada, também, uma força tarefa, conhecida como Operação Pente Fino, cujo intuito era – como o nome sugere – fazer uma varredura detalhada para conseguir identificar, apreender e eliminar qualquer possibilidade de oposição ou contrariedade ao golpe e à ditadura implementada. Assim como um pente metálico de dentes finíssimos é passado na cabeça de uma criança para eliminar piolhos, a operação buscava rastrear as mínimas manifestações e organizações que pudessem prejudicar a implementação e conseqüente consolidação da ditadura civil-militar.

---

<sup>28</sup> Documentário “O dia que durou 21 anos”. 2012 Produção: Karla Ladeia por Pequi Filmes. Direção: Camilo Tavares.

<sup>29</sup> NAPOLITANO, Op. cit., p. 43/44.

<sup>30</sup> ALVES. Op. cit., p. 52.

<sup>31</sup> PADRÓS, Enrique Serra; FERNANDES, Ananda Simões. Faz escuro, mas eu canto: os mecanismos repressivos e as lutas de resistência durante os “anos de chumbo” no Rio Grande do Sul. In: PADRÓS, et al, 2010, Op. cit., v. 2. p. 34.

<sup>32</sup> Ibid, p. 34.



Logo após o golpe militar, uma vasta campanha de busca e detenção foi desencadeada em todo o país. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica foram mobilizados, segundo técnicas predeterminadas de contra-ofensiva, para levar a efeito operações em larga escala de “varredura com pente-fino”. [...] O objetivo era “varrer” todos os que estiveram ligados ao governo anterior, a partidos políticos considerados comunistas ou altamente infiltrados por comunistas e a movimentos sociais do período anterior a 1964.<sup>33</sup>

Um dos métodos mais utilizados na tentativa de eliminar a oposição era a de censurar informações que pudessem ir de encontro com o que era valorizado pelo governo. Revistas, jornais, periódicos, televisão, qualquer meio de propagação de informação e de cultura estava sujeito a sofrer cortes e, em casos mais extremos, ser proibido e extinto por completo. Podemos perceber, já nos primeiros meses após o golpe, a forte implementação de políticas de censura dentro dos meios de informação, assim como a detenção de opositores, a cassação de mandatos e a utilização da tortura. Alves fala também sobre a magnitude da “Operação Limpeza” ao citar o relatório escrito pela Comissão Internacional de Juristas, publicado no jornal *Correio da Manhã* de 8 de setembro deste ano, que condenava o governo brasileiro pela perseguição e censura da oposição política<sup>34</sup>.

### 1.1 A imprensa como formadora de opinião

A imprensa muitas vezes tenta passar para a sociedade uma ideia de neutralidade, como se os acontecimentos ali retratados fossem desligados da subjetividade dos seus autores, porém é importante ressaltar que existe sim uma subjetividade dentro do modo como uma matéria é retratada, e até mesmo nas escolhas de que tipos de matérias serão publicadas. Deve sempre ser considerado que existe um projeto por trás de todo editorial, na tentativa de “expressar opiniões, programas, planos de ação a partir das páginas dos seus jornais e revistas.”. Eles são “portadores de uma visão de mundo e buscam estabelecer consensos mínimos sobre essas visões”<sup>35</sup>. Um exemplo dessa manipulação do pensamento público era o Grupo de Opinião

---

<sup>33</sup> Ibid. p. 59.

<sup>34</sup> Ibid, p. 60.

<sup>35</sup> SILVA. Op. cit. p. 147.

Pública (GOP), do IPES<sup>36</sup>, cuja principal função era “disseminar seus objetivos na imprensa falada e escrita”<sup>37</sup>.

Como citado acima, sobre a influência causada pelos EUA na atmosfera política e o medo da população de um perigo comunista, podemos mencionar a imprensa como uma das grandes influenciadoras desses pensamentos. Não apenas nessa situação específica, mas em diversos outros momentos da história, inclusive na atualidade, podemos ver que:

[...] a forma pela qual um evento é transmitido pela imprensa, ou seja, a maneira como a imprensa seleciona as informações que irão compor a notícia e atribuem importância a um aspecto da realidade em detrimento de outros, determina a apreensão do público. Muitas vezes é a partir de uma perspectiva traçada pelos veículos de informação que o leitor/espectador é levado a perceber a realidade e a se posicionar diante dos acontecimentos. A força da imprensa vai ainda mais além a ponto de se poder falar em autonomia, quando se considera sua capacidade de encaminhar o debate sobre determinados temas, de formular e impor uma agenda, e dessa forma interferir no rumo dos acontecimentos, obrigando outros atores ou instituições a se posicionar. Muitas vezes, realmente, pode se dizer que, sem a participação da imprensa, o desfecho de um determinado processo ou acontecimento poderia ser totalmente diferente.<sup>38</sup>

Quando pensamos no contexto do golpe civil-militar no Brasil, podemos visualizar explicitamente essa influência midiática na construção de uma narrativa pré golpe, já desde a Campanha da Legalidade, com o apoio de diversos jornais de grande circulação no eixo Rio-São Paulo defendendo a posse de Jango<sup>39</sup>.

Porém, assim como há um grande apoio à posse de Jango em 1961, há um movimento quase generalizado das mídias criticando o seu governo e conseqüentemente pedindo seu afastamento após a Revolta dos Sargentos<sup>40</sup> de 1963, que é “considerada o momento de

<sup>36</sup> O IPES, Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais, era uma instituição não governamental criada em 1961 e financiada por diversos empresários. Seu principal objetivo era propagar ideias de anticomunismo na sociedade brasileira através de pesquisas, panfletos, filmes, documentários e propagandas.

<sup>37</sup> CUNHA, Luiz Cláudio. Máximas e mínimas: os ventos errantes da mídia na tormenta de 1964. In PADRÓS et al, 2010, op. cit., p. 188.

<sup>38</sup> ABREU, Alzira Alves de. A participação da imprensa na queda do Governo Goulart. In: FICO, Carlos et. al (Orgs.), **1964-2004 40 anos do Golpe: ditadura militar e resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. p. 15.

<sup>39</sup> Ibid, p. 17.

<sup>40</sup> A Revolta dos Sargentos foi um levante realizado por cabos, sargentos e suboficiais da Marinha e Aeronáutica como forma de protestar à decisão do Supremo Tribunal Federal reafirmando a inelegibilidade de sargentos para cargos dentro do Legislativo, o que constava na Constituição de 1946. Contrariando a Constituição e a decisão do STF, diversos sargentos se candidataram e foram eleitos. Jango dá apoio às reivindicações dos revoltosos, causando atritos com as autoridades de maior patente dentro das Forças Armadas. Ver ABREU, Op. cit.

inflexão da posição da imprensa em relação ao governo Goulart.”<sup>41</sup>. No dia 13 de setembro de 1963, se lia no *Jornal do Brasil* um editorial de título “Basta”, clamando para que o povo se manifestasse antes que chegasse a Revolução<sup>42</sup>. A utilização da imprensa como influenciadora da população serve e serviu “para encobrir velhos interesses de sempre”<sup>43</sup>, utilizando dos meios de comunicação como uma forma de propagação de ideais e propaganda ideológica.

Existe, por outro lado, a possibilidade da mídia ser utilizada como uma forma de resistência contra pensamentos e visões hegemônicas dentro da sociedade. Desde a época do Império a mídia já era usada para fazer críticas ao governo, como na *Revista Ilustrada*, criada em 1876 pelo chargista Angelo Agostini, que fazia grandes críticas à Corte e propagava ideais abolicionistas e republicanos<sup>44</sup>. Nos contextos do pré golpe e da ditadura não foi diferente, se considerarmos que entre 1964 e 1980 se contou com cerca de 150 periódicos no Brasil que faziam a oposição ao regime militar<sup>45</sup>.

## 1.2 A resistência nas mídias alternativas

Para entender melhor as especificidades da imprensa e mídias alternativas, é preciso diferenciar ela da grande mídia e trabalhar suas características. Neste trabalho, o conceito de imprensa alternativa utilizado é o que Bernardo Kucinski utiliza no livro “Jornalistas e Revolucionários”, que também é chamada de imprensa *nanica*. O uso do termo *nanica*, segundo o autor, era uma tentativa de enfatizar uma “pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores atribuídos à imprensa alternativa”<sup>46</sup>, ao passo que *alternativa* teria quatro outros significados essenciais:

[...] o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e,

<sup>41</sup> ABREU, op. cit., p. 19.

<sup>42</sup> *Jornal do Brasil*, 13 set. 1963, p. 6 apud NAPOLITANO, op. cit., p. 45/46.

<sup>43</sup> *Idem*, p. 49.

<sup>44</sup> Documentário “**Resistir é preciso**”, 2014. Produção: Tc Filmes e TV Brasil; Direção: Ricardo Carvalho e Mário Masetti; Roteiro: Ricardo Carvalho e Carlos Azevedo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7o8ukCQFYy4&list=PLcdYRsZd3X4jrCvEiRigP0-gmFxo7R1hj>>.

Acessado em: 19/02/2018.

<sup>45</sup> KUCINSKI. Op. cit., p. 5.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 5.

finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam.<sup>47</sup>

Por um lado, o termo *nanica* é utilizado tanto como uma forma de diminuir o seu tamanho e seu alcance, quanto de minar simbolicamente a sua importância como meio de propagação de informações. Enquanto que o termo *alternativa* trazia um caráter muito mais político, ressaltando o peso político da oposição à alguma coisa, sendo nesse caso a grande imprensa, que trazia em si um discurso oficial de suporte da ditadura.

O surgimento da imprensa alternativa, na década de 60, pode ser pensado como a articulação da força da esquerda de protagonizar as transformações que gostariam de protagonizar na sociedade e a busca, por parte de jornalistas e intelectuais, de espaços que fugissem da grande mídia<sup>48</sup> e possibilitassem uma maior liberdade criativa. Em resumo, a imprensa alternativa tentava representar tudo aquilo que a grande imprensa não era, com um discurso abertamente ideológico.

Há ainda a divisão dentro destas mídias, segundo Kucinski, entre os jornais de conteúdo predominantemente político<sup>49</sup>, com a valorização do nacional e popular, trazendo uma forte influência marxista, refletindo os “preceitos morais do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)”<sup>50</sup>; enquanto a outra classe se inspirava nos movimentos de contra-cultura dos EUA, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo<sup>51</sup>. É por conta desse caráter de contestação a um discurso oficial, indo de encontro aos interesses do governo, que as mídias alternativas se tornam um dos principais alvos dos órgãos de controle e censura, fazendo com que diversas dessas mídias alternativas se criassem na clandestinidade. Assim como há a imprensa alternativa sendo produzida e vendida nas bancas, há aquela feita por baixo dos panos, principalmente ligada a partidos e grupos políticos, que não circulavam oficialmente e eram impressos em gráficas clandestinas e correndo fortes riscos dos seus responsáveis serem presos.<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> Idem, p. 5.

<sup>48</sup> KUCINSKI. Op. cit, p. 6.

<sup>49</sup> Cabe ressaltar que o uso do conceito “político” aqui se dá dentro do sentido da palavra sendo usada exclusivamente como “político partidário”. A autora do presente trabalho acha importante que seja ressaltado este uso, pois considera que todo posicionamento carrega uma subjetividade específica e que isto também é político, mesmo que não tratando abertamente de questões político partidárias.

<sup>50</sup> KUCINSKI. Op. cit., p. 5/6.

<sup>51</sup> Ibid p. 5/6.

<sup>52</sup> Documentário “Resistir é preciso”, cap. 3.

Podemos elencar também dentro das mídias alternativas, importantes periódicos que, a exemplo da máxima feminista “o pessoal é político”, traziam questões não muito abordadas dentro dessa imprensa alternativa, como gênero e sexualidade. Estão dentro desse grupo jornais como *Lampião da Esquina*, criado em 1978, que trazia pautas da comunidade homossexual<sup>53</sup>; e os jornais da imprensa feminista, como *Brasil Mulher* (1975), *Maria Quiteria* (1977), *Mulherio* (1982)<sup>54</sup>.

A censura, mais do que apenas uma forma de impedir que certos conteúdos chegassem às ruas e à população, era uma forma de acabar com o projeto político defendido pelas publicações. Era uma forma de eliminar a possibilidade da propagação de ideologias que conflitassem com aquelas defendidas pelo governo<sup>55</sup>. A implementação da censura como política sistemática de governo – ainda que ocorresse desde os primeiros meses após o golpe – gerou uma maior ocorrência do seu uso na mídia.

No lugar de notícias, comentários e editoriais, começaram a proliferar versões de Camões n’*O Estado de S.Paulo*, receitas de bolo no *Jornal da Tarde* e imagens de diabos e da árvore símbolo da editora Abril na *Veja*. Era proibido deixar espaços em branco, a censura censurava a revelação sobre a censura. Preferia versos, receitas e imagens diabólicas nas páginas esquadrejadas.<sup>56</sup>

Ainda que houvesse essa tentativa de “censurar a censura”, ela se mostrava muito presente quando jornais eram proibidos de serem publicados antes mesmo da edição de estreia ser impressa, devido à sua linha editorial, como ocorrido com o semanário *Opinião*, em 1972<sup>57</sup> e o jornal *Movimento*, em 1975<sup>58</sup>.

Manter um jornal cujo conteúdo se opunha ao governo, sem patrocínio de empresas privadas – na maioria dos casos –, dificultava muito sua viabilidade o que fez com que poucos conseguissem manter suas publicações por longo período de tempo. Um levantamento feito por Bernardo Kucinski aponta que “do universo levantado de cerca de 150 jornais, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência”<sup>59</sup>. Porém, mesmo contando com

<sup>53</sup> As edições digitalizadas do jornal estão disponíveis em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acessado em: 1 dezembro 2018.

<sup>54</sup> Ver TELES; LEITE, Op. cit., 2013.

<sup>55</sup> Documentário “**Resistir é preciso**”, cap. 4.

<sup>56</sup> CUNHA, Op. cit., p. 182/183.

<sup>57</sup> Ibid, p. 183.

<sup>58</sup> Documentário “**Resistir é preciso**”, cap. 4.

<sup>59</sup> KUCINSKI, Op. cit., p. 12.

poucas edições, muitos deles foram decisivos na influência, tanto de outras mídias, como na resistência ao governo ditatorial.

## CAPÍTULO 2 – A REVISTA *PIF PAF*

Cerca de um mês e meio após a deflagração do golpe civil militar no Brasil, foi criada a *Revista Pif-Paf*. Antes da sua criação, “Pif-Paf” era o nome da coluna que Millôr Fernandes escrevia no jornal *O Cruzeiro* até 1963, quando foi demitido. Ao escrever uma matéria de 12 páginas recontando como teria ocorrido o pecado original, intitulada “A verdadeira história do paraíso”<sup>60</sup>, Millôr horrorizou o público religioso e moralista do jornal – que após sua saída redigiu um pedido de desculpas pela grande ofensa cristã que teria sido a matéria do humorista.

Contando com o apoio de diversos colegas humoristas e cartunistas, Millôr pôs em prática, então, o projeto de concepção de sua própria revista. A *Pif-Paf* é considerada como sendo a primeira publicação criada para fazer oposição à ditadura após sua instauração<sup>61</sup>, ainda que não fosse idealizada com este propósito. A revista já era um projeto pensado por Millôr antes da efetivação do golpe no Brasil, porém devido às circunstâncias de sua demissão de *O Cruzeiro*, e por um certo acaso, acabou sendo lançada apenas em maio de 1964. Ao mesmo tempo em que fazia oposição ao governo, o jornalista Jânio de Freitas, ao falar sobre a criação da revista e de seu conteúdo ressalta que “não nasceu nem viveu para fazer militância política, muito menos partidária, mas só por ser uma revista de humor já era uma afirmação de liberdade”<sup>62</sup>, assegurando o seu papel como resistência.

Dentro da classificação vista no capítulo anterior entre revistas de caráter político e revistas influenciadas pela contra-cultura dos EUA, a *Pif-Paf* pode ser encaixada no segundo grupo, uma vez que estas “rejeitavam a primazia do discurso ideológico. [Sendo] mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural”<sup>63</sup>. A revista não durou muito tempo, com sua primeira publicação datada de 21 de maio de 1964; após apenas oito números, teve sua última edição decretada três meses depois, em 27 de agosto do mesmo ano. Com seu humor ácido e fortes críticas à falta de liberdade de expressão, trazia na contracapa da publicação de número oito a seguinte mensagem (Anexo: figura nº8):

Advertência! Quem avisa, amigo é: se o govêrno [sic] continuar deixando que certos jornalistas falem em eleições; se o govêrno continuar deixando que determinados jornais façam restrições à sua política financeira; se o govêrno continuar deixando

<sup>60</sup> Datada de 1963, a matéria virou mais tarde um livro de mesmo título, publicado pela primeira vez em 1972.

<sup>61</sup> Documentário “**Resistir é preciso**”. cap 1

<sup>62</sup> Encarte “Pif Paf 40 Anos Depois: coleção fac-similar das 8 edições da Revista Pif Paf de Millôr Fernandes”. Organizadora Z’AS (Eliana Caruso). Rio de Janeiro: Argumento, 2005. p. 7.

<sup>63</sup> KUCINSKI. Op. cit., p. 6.

que alguns políticos teimem em manter suas candidaturas; se o govêrno continuar deixando que algumas pessoas pensem por sua própria cabeça; e, sobretudo, se o govêrno continuar deixando que circule esta revista, com toda sua irreverência e crítica, dentro em breve estaremos caindo numa democracia.<sup>64</sup>

Paradoxalmente, depois da publicação desta mensagem, bastante provocativa contra o governo, houve uma pressão por parte dos órgãos de controle e censura sobre a revista, fazendo com que Millôr decidisse dar por encerradas suas atividades. Mas mesmo com o seu fechamento *Pif-Paf* abriu o caminho e serviu como referência e exemplo de resistência para diversas outras publicações e periódicos criados ao longo da ditadura, sendo o marco inicial da primeira geração da imprensa alternativa no pós golpe de 1964.

## 2.1 Historicizando as imagens

Ao trabalhar com mídias gráficas, como *Pif-Paf*, é importante considerar determinadas questões sobre a análise de imagens, como: a partir de que contexto histórico elas foram produzidas? Quem as produziu? Quais eram os objetivos com os quais elas foram criadas? Imagens são importantes evidências históricas<sup>65</sup> e é necessário que sejam consideradas como tais (assim como fontes mais tradicionais – documentos oficiais, textos preservados, testemunhos orais) registrando “atos de testemunho ocular”<sup>66</sup>.

Especificamente no caso da *Pif-Paf*, as imagens trabalhadas não são fotografias ou imagens que sejam representações literais da realidade; as charges, quadrinhos, desenhos e montagens são utilizadas como representação figurada de uma realidade, trazendo as críticas e visões de mundo dos humoristas que as criavam.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> Revista Pif Paf, n°8, 1964, contracapa.

<sup>65</sup> BURKE. Op. cit., p. 11.

<sup>66</sup> Ibid. p. 17.

<sup>67</sup> CHARTIER, 1990, p. 17.



Ou seja, as representações criadas dentro da revista devem ser pensadas como o produto de um discurso e da construção de uma visão do mundo daqueles que as criaram. Representações são criadas a partir de discursos com determinados objetivos, que devem ser analisados em conjunto.

Ao utilizar as imagens como evidências históricas é preciso lembrar que elas foram produzidas para cumprir determinadas funções e que elas possuíram um papel na “‘construção cultural’ da sociedade”<sup>68</sup>. Para tanto, Burke faz algumas considerações importantes para a análise de tais representações dentro de uma construção histórica:

1. As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo. A visão masculina das mulheres, a da classe média sobre os camponeses, a visão dos civis da guerra, e assim por diante. [...] 2. O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante) [...] bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou do cliente, e a pretendida função da imagem. 3. Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais [...] 4. No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas [...].<sup>69</sup>

Tendo em mente estas importantes problematizações acerca do uso das imagens, levantadas por Peter Burke, será analisado, a seguir, o conteúdo da *Revista Pif-Paf*.

## 2.2 O humor político como arma na *Pif-Paf*

Por ser integrada por um grupo de humoristas e artistas gráficos, o humor dentro da *Pif-Paf* era composto em sua grande maioria por desenhos e charges, sendo esse um de seus traços diferenciais mais marcantes. Henfil diz em uma entrevista:

O humor gráfico tem uma coisa interessante. Ele marca muito! Você, quando lê um artigo e gosta, você pode lê-lo mais três a quatro vezes. Quando gosta de uma música você pode escutá-la mil vezes. Você pode ver mil vezes o mesmo gol. Já o

---

<sup>68</sup> BURKE. Op. cit., p. 234.

<sup>69</sup> Ibid, p. 237/238.

desenho de humor, a coisa gráfica, você só vê uma vez. [Mata] na primeira. E está marcado para o resto da vida!<sup>70</sup>

As imagens marcantes e irreverentes do *Pif-Paf* fizeram com que seus autores fossem perseguidos pelos órgãos da repressão logo após a publicação do seu primeiro exemplar publicado. No seu segundo número, a revista denuncia “Claudius em cana”<sup>71</sup>, contando sobre a prisão do humorista – e agradecendo ao DOPS por criar o primeiro mártir da classe dos desenhistas e humoristas – responsável pela primeira charge (Anexo: figura nº 1) publicada na revista. Nela vemos uma criança segurando uma caixa de balas, sendo agarrada por um agente da repressão, enquanto diz “Avisei sem querer, só gritei ‘OLHA O DROPS!’”, enquanto um grupo de pessoas foge ao fundo. Além de utilizar o humor para denunciar a repressão, se continua usando dele mesmo após a prisão do humorista, zombando dos órgãos responsáveis por sua prisão.

Ao fazer um depoimento em um documentário, Claudius fala que

O humor existe para desvelar os mecanismos escondidos, para mostrar os pés de barro de quem se julga, não sei o que, para atacar o poder, qualquer que ele seja. O humor não tem bandeira, não tem lei, não tem Deus nem nada. Então a situação, naturalmente, era uma situação em que esse humor era um humor corrosivo em relação ao ridículo dos generais e etc.,<sup>72</sup>

Além de ressaltar mais uma vez o caráter não partidário da revista, a fala do humorista reafirma a importância do humor como forma de desestabilizar o regime militar e os seus governantes. É com a aproximação ao ridículo que se faz rir do objeto zombado, em uma tentativa de diminuir o seu poder. Skinner afirma que “o riso pode ser usado como uma arma potente em debates legais e políticos”, uma vez que “ao fazer com que nossos adversários pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido por nosso lado”.<sup>73</sup>

Essa forma de aproximação ao ridículo como forma de zombar também pode ser vista em outros desenhos da revista, como por exemplo na matéria “Robô do Presidente perfeito”, onde se lia que “não há, nunca houve, nem pode haver, um PRESIDENTE PERFEITO”,

<sup>70</sup> SOUZA, Tárík de. **Como se faz humor político. Henfil. Depoimento a Tárík de Souza**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 76/77.

<sup>71</sup> Claudius Ceccon foi um dos humoristas e cartunistas a trabalhar na Revista, foi preso logo após o lançamento da sua primeira edição. Anos após o fechamento da *Pif-Paf*, integrou o time de humoristas que lançou a revista *O Pasquim*. Revista Pif-Paf, 1964, nº2, página 2.

<sup>72</sup> Documentário “**Resistir é Preciso**”, capítulo 3.

<sup>73</sup> SKINNER. Op. cit., p. 9/10.

justificando então a criação de um presidente robô (Anexo: figura nº 4). Os atributos deste robô incluíam, entre outras características, um “departamento de crenças cegas nas próprias ideias” na cabeça; nervos de aço; um pé atrás; uma alavanca de mudar de opinião; uma espinha de aço - com o reforço da ideia de que o aço deveria ser nacional – para evitar curvaturas perante os interesses estrangeiros; e, ironicamente, escrito em uma das pernas do robô, a frase “made in USA” completava a sátira do que seria considerado um bom presidente para o contexto em que se estava vivendo. Esse conjunto de características tinha alguma forma de desmerecer ou ironizar a ditadura e a figura do ditador Marechal Castello Branco e a grande influência dos Estados Unidos no seu governo. Essa crítica direta ao ditador pode ser vista também na capa da edição de número 3 (Anexo: figura nº 5), onde se vê a figura de um rei de copas desenhado.

Na sua segunda edição, a revista traz o “Jôgo da democracia” (Anexo, figura nº 2). Nas casas do tabuleiro, vemos mensagens como “Encontra o Brizola e não avisa à DOPS. Sai do jôgo”, e em outra casa mais adiante “Torna a encontrar o Brizola e avisa pra DOPS. Continua no jôgo.” Há a explicação das regras logo na primeira página da revista (Anexo, figura nº 3), onde se pode ler em uma delas “Os jogadores podem jogar em times chamados Time da Direita e Time da Esquerda. Mais de dois times é o caos”. Ainda que o bipartidarismo só tenha sido implementado em 1965 com o Ato Institucional nº 2, a *Pif-Paf* já trazia fortes críticas ao clima de polarização política. Ainda nas regras do jôgo, podia se ler

Pelo seu caráter pernicioso e violento, o Jôgo da Democracia já foi proibido em vários países. Mesmo no Brasil, durante vários anos, em vários períodos, o Jôgo só era permitido clandestinamente. É por isso que repetimos: jogue o Jôgo da Democracia hoje mesmo. Amanhã pode ser tarde.<sup>74</sup>

Mesmo que o golpe já tivesse implementado uma ditadura, podemos analisar por esta frase que talvez nos seus primeiros meses ainda houvesse uma mentalidade bem fixada na democracia. Esse pode ser, talvez, um dos principais motivos para que as publicações da *Pif-Paf* carregassem uma crítica tão ácida ao governo, sem muito medo da repressão que poderia ocorrer. Ainda ao final da edição do Jôgo da Democracia, vemos a afirmação “no 10º número do PIF-PAF. Isto é, se Deus e o Ato Institucional permitirem que cheguemos lá.”<sup>75</sup>

Um questionamento é feito na contracapa do exemplar de número 3 da revista: “Mas afinal, o que é a liberdade?”, seguido por um artigo escrito por Millôr associando o conceito

<sup>74</sup> Revista Pif-Paf, nº 2, página 2.

<sup>75</sup> Revista Pif-Paf, nº 2, página 23.

de liberdade com a figura da Estátua da Liberdade nos EUA e o valor pago para a sua construção<sup>76</sup>, como mais uma provocação à influência estadunidense na política brasileira. Depois de diversos apontamentos, o humorista se pergunta se seria verdade que o governo construiria uma estátua da liberdade própria, junto ao monumento dos pracinhas, e que dessa forma ficariam juntos “dois monumentos aos nossos grandes mortos”. Para encerrar a discussão, Millôr conclui: “Em suma, amigos, aqui está a Nossa Liberdade, melhor do que tôdas as outras, porque é alada e eletrificada. Só tem um defeito: detesta Brasília.”.

A quarta edição da revista, publicada no mês de julho de 1964, traz uma charge onde se vê um militar afirmando “A fase repressiva parou. Estamos agora na fase construtiva”, e ao fundo vemos dois sujeitos construindo celas de tijolos com grades como portas (Anexo: figura nº 6). O historiador Marcos Napolitano afirma que o primeiro momento repressivo foi entre os anos de 1964 e 1968, e que o principal objetivo era “dissolver as conexões entre a ‘cultura de esquerda’ e as classes populares”<sup>77</sup>. Considerando que a repressão não para, a charge pode ser uma forma de questionar o discurso do governo que afirmava que não existia repressão, e fazer um trocadilho com a ideia de construir prisões associando-se a uma suposta fase de construção de uma nova sociedade, pautada pelos ideais da ditadura.

O afastamento da cultura e das classes populares apontada por Napolitano, pode ser observado também na charge publicada na edição nº 6 da revista, onde se vê um homem lendo o jornal com a frase “Castelo até 67”, fazendo alusão ao cancelamento das eleições e a prorrogação do mandato de Castello Branco até o ano de 1967, e um outro homem olhando a notícia e exclamando “Quer dizer que prorrogaram o voto dos analfabeto” (Anexo: figura nº 6). Como a charge sugere, o sujeito não consegue ler a reportagem real, provavelmente sendo um analfabeto; trazendo uma crítica ao fato de analfabetos não poderem votar, o que era um dos planos de reforma de Jango.

Por fim, há uma série de montagens feitas nos números 6, 7 e 8 da revista com o concurso “Miss Alvorada”, trazendo os candidatos à disputa eleitoral e às tensões causadas pelo cancelamento da eleição de 1965 (Anexo: figuras nº 26, 27 e 28). Com montagens dos rostos dos candidatos em corpos de mulheres com biquínis, há uma clara tentativa de ridicularização da figura desses homens, que passam a ser chamados pelos seguintes nomes:

---

<sup>76</sup> Revista Pif-Paf, nº 3, páginas 8 e 9.

<sup>77</sup> NAPOLITANO. Op. cit., p. 100.

Senhorita Costinha, Carlota Corwina e Miss Castelinho. Para enfatizar o ridículo, usa-se do recurso da zombaria.

O último número da revista, ainda trazia no seu final o aviso já referido anteriormente (Anexo: figura nº 8). Finalmente, depois dessa advertência, e somada a todas as provocações anteriores, *Pif-Paf* finalmente cedeu à pressão da censura e da repressão e encerrou suas atividades.

Mesmo perseguido e censurado, o humor político sobreviveu aos piores anos do período pós-64. Todos os grandes temas que polarizaram a luta política, como a anistia, a dívida externa, o arrocho salarial, a concentração de renda, a tortura e as violações dos direitos humanos, mereceram a atenção dos humoristas. E eles não se cansaram de gritar que, se o rei não estava nu, o povo estava maltrapilho.<sup>78</sup>

Sendo assim, ainda que tenha tido poucos meses de existência, a *Pif-Paf* foi a pioneira do humor político no contexto de 1964, servindo mais tarde de inspiração para tantas outras revistas que continuaram o seu legado de resistência.

---

<sup>78</sup> Revista *Retrato do Brasil*, nº40, São Paulo, 1984. p. 236.

### CAPÍTULO 3 – AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A REVISTA *PIF-PAF*

As reflexões feitas até aqui, primeiro do contexto de ditadura civil-militar no Brasil e as mentalidades que tornaram possível sua consolidação e lhe conferiram legitimação; e depois, de um contexto de resistência cultural na imprensa, pensando na *Pif-Paf*, servem de base para levantarmos os questionamentos realizados neste último capítulo.

Dessa forma, faz-se importante algumas considerações a respeito de conceitos que norteiam a reflexão até aqui apresentada e algumas questões para se pensar: De que forma resistências das esquerdas lidavam com as questões de gênero? Quais as legitimações para uma hierarquização de pautas entre a “emancipação dos homens” e a luta das mulheres? Que significados são atribuídos a mulher quando representada em uma *Stripif-Tease* e o principal requisito para ser retratada tirando a roupa é a “inteligência”?

Porque uma revista de tendências progressistas, que tem como principal objetivo o protesto contra o recente golpe, carregava uma visão tão obtusa com relação às mulheres? Que lugares são esses onde essas mulheres são colocadas, em um momento de luta aberta da revista? Que discursos se tornam evidentes na análise das representações de mulheres na revista?

Nesse sentido, é indispensável pensar o conceito de gênero e quais os seus significados para que possamos fazer uma análise histórica. São diversos os sentidos que podemos dar ao trabalharmos com este termo e não há consenso entre os teóricos sobre as suas definições e sentidos. A escrita da História das mulheres foi, durante muito tempo – e por vezes ainda hoje – tratada como algo à parte de uma “História Oficial”<sup>79</sup>, separada da história dos grandes acontecimentos históricos e dos grandes heróis; havia uma grande divisão entre os historiadores das mulheres e os historiadores que tratavam sobre a História a partir de um viés econômico e político. A historiadora Joan Scott ressalta o desafio teórico que é analisar a

---

<sup>79</sup> Uso aqui o termo “História Oficial”, pois ao analisar a História das mulheres – e até mesmo as mulheres na História – como um domínio separado, entendo que há não só uma hierarquização de que histórias são passíveis de serem consideradas importantes, e a partir de que viés se pode analisar a História; também há nessa separação uma afirmação de que as mulheres não fazem parte da História, sendo consideradas apenas um apêndice, algo a parte e menos relevante para a escrita e a construção históricas.

História a partir do gênero, e a História das mulheres como algo que faça parte dessa “História Oficial”<sup>80</sup>.

Para superar esta dificuldade, a autora sugere que a solução é tratar o gênero como uma categoria de análise histórica e defende o conceito de gênero como tendo:

[...] duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. [...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.<sup>81</sup>

Ou seja, para a autora, o gênero é uma forma de dar sentido e estabelecer certas relações de poder dentro da sociedade, se baseando nas construções sociais da diferença entre os sexos.

É importante ressaltarmos, também, que a Revista *Pif-Paf* e seus autores – apesar de não se considerarem como um grupo de esquerda – estavam inseridos em um contexto de pensamentos questionadores acerca da realidade. Ao trazerem questões que contestavam o governo e o contexto da sociedade brasileira, eles podem ser encaixados em um grupo de pessoas que tentavam pensar em outras realidades possíveis para o mundo. Como já foi ressaltado anteriormente, ainda que se tentasse contestar a moralidade e a rigidez da sociedade dentro das questões sociais, políticas e econômicas, não se via essa abertura de pensamento ao se olhar para as pautas feministas levantadas pelas mulheres – tanto no mundo, quanto no Brasil.

Estas pautas feministas, durante o breve período de existência da revista, ainda eram relativa novidade no Brasil. Apesar de as mulheres dentro da esquerda e dos movimentos alternativos já possuíam certa abertura para este debate, os homens destes mesmos movimentos ainda viam a questão da mulher com grande preconceito. As críticas feitas ao movimento feminista brasileiro iam desde as conhecidas táticas de apelo ao nível de beleza das militantes, as chamando de masculinizadas, feias e apelando a outros tantos atributos físicos; passando também pelo julgamento da vida sexual destas mulheres, consideradas às vezes promíscuas, depravadas, e, às vezes, mal comidas, com afirmações de que lhes faltava uma melhor vida sexual; e até mesmo realizando uma hierarquização de pautas, tratando o

---

<sup>80</sup> SCOTT. Op. cit., p. 74.

<sup>81</sup> Ibid, p 86.

movimento como pequeno burguês e acusando as feministas de estarem dividindo o movimento da esquerda<sup>82</sup>.

O movimento feminista e as mulheres eram atacadas e julgadas por todas as frentes. A sociedade patriarcal e conservadora fazia o papel de julgar e tolher os direitos das mulheres, ressaltando e tentando afirmar o seu papel reservado para dentro de casa, como esposa e mãe obediente. Ao tentar encontrar uma saída a essas pressões e controles, o movimento feminista se vê também atacado pelos homens da esquerda e dos movimentos libertários, que defendiam uma libertação social, mas não de gênero. A historiadora Rachel Soihet aponta:

De um lado [o movimento feminista], enfrentou a oposição do governo, que via com desconfiança qualquer forma de organização da sociedade, de outro, a oposição de grupos de esquerda, que consideravam que a luta deveria se polarizar contra o governo autoritário e a desigualdade de classes aqui vigente.<sup>83</sup>

Ao afirmar que a luta contra o governo autoritário era mais importante que a luta contra as opressões de gênero, há não só uma hierarquização de pautas, considerando que a luta de classes seria mais importante de ser pensada do que a luta contra o patriarcado e pelas questões de gênero, mas também uma negação de que o machismo dentro dos grupos de esquerda seria um problema, e assim não refletindo sobre o machismo intrínseco dentro destes locais.

### **3.1 As conexões entre representação e humor**

Assim como trazido no capítulo 2, o conceito de representação de Chartier é também utilizado neste capítulo. Além das considerações trazidas anteriormente sobre o conceito, aqui também é preciso pensar que

A história sociocultural viveu por tempo demais sobre uma concepção mutilada do social. Privilegiando apenas a classificação socioprofissional, ela esqueceu que outros princípios de diferenciação, também plenamente sociais, podiam justificar, com mais pertinência, as variações culturais. É o caso das pertenças sexuais ou

---

<sup>82</sup> SOIHET. Op. cit., 2008. p. 42/43.

<sup>83</sup> Ibid, p 42.



geracionais, as adesões religiosas, as tradições educativa, a solidariedades territoriais, os hábitos profissionais.<sup>84</sup>

Ou seja, para além das questões de classe, também precisamos considerar outros marcadores sociais quando vamos analisar e questionar as representações. Especificamente neste capítulo, será considerado, também, o marcador de gênero na construção das representações criadas na *Revista Pif-Paf*.

Pensando nas representações analisadas no capítulo anterior, das imagens de número 26, 27 e 28, é possível pensarmos em porque a representação de homens nos corpos de mulheres é motivo de riso. Skinner analisa que o riso frequentemente é uma forma de se gabar perante o outro, por considerarmos que comparado conosco o outro sofre de fraquezas ou defeitos<sup>85</sup>. Considerando isso, seria então uma fraqueza/defeito a aproximação da figura feminina para um homem? Chartier fala da relação simbólica, “que, [...], consiste na ‘representação de um pouco de moral através das imagens ou das prosperidades das coisas naturais [...] O leão é o símbolo do valor [...]’ Uma relação compreensível é, então, postulada entre o signo visível e o referente por ele significado.”<sup>86</sup>. Assim como a relação simbólica da aproximação com a figura do leão, por exemplo, seria uma aproximação com o símbolo de valor, o que seria então a aproximação com a figura da mulher, ao passo que isso é utilizado na tentativa de causar o riso?

Também deve ser levado em consideração o fato de que há uma hierarquização dentro das representações. “Representações da sociedade nos dizem algo sobre uma relação, a relação entre o realizador da representação e as pessoas retratadas. A relação pode ser igualitária, mas no passado ela frequentemente foi hierárquica.”<sup>87</sup> Além de trazerem um ideal de subjugação da imagem da mulher, também podemos indicar que elas são o olhar de alguém sobre algo, no caso das imagens analisadas, o “olhar masculino” sobre o corpo feminino. Podemos refletir sobre essas questões na figura de número 10, onde se vê representada uma mulher que tem o corpo feminino na parte de cima e uma cômoda com gavetas na parte de baixo, seguido do texto “Esplêndida e admirável criação de nosso redator feminino, também especialista em interiores. Tendo verificado que os homens estão cada vez mais interessados em móveis delicados e esposas mais práticas, nosso redator criou esta magnífica mulher com

<sup>84</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. p. 180/181.

<sup>85</sup> SKINNER, Op. cit., p. 21.

<sup>86</sup> FURETIÈRE, *Dictionnaire universel 1690 apud* CHARTIER, Op. cit., 1990, p. 20/21.

<sup>87</sup> BURKE, Op. cit., p. 149.

quatro gavetas” (anexo: figura nº 10). Qual o olhar masculino existente sobre o corpo feminino quando há uma transformação dele em objeto, ou até mesmo em uma paisagem do Rio de Janeiro (anexo: figuras nº 24 e 25)?

### 3.2 Gênero e dominação masculina na Revista *Pif-Paf*

Para trabalhar com o conceito da dominação masculina, Bourdieu analisa as bases para explicar de onde vem e como se dá a submissão das mulheres em relação aos homens. O autor critica que ao não perceber ou não analisar de fato, as bases da dominação, se cria a tendência de atribuir os seus efeitos e valores simbólicos a simples fatores da ordem da representação, sem considerar as suas profundas raízes na sociedade<sup>88</sup>.

[...] longe de afirmar que as estruturas da dominação são a-históricas, [...] elas são *produto de um trabalho incessante, (e, como tal, histórico) de reprodução*, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado.<sup>89</sup>

Assim sendo, acaba se criando uma naturalização dos papéis construídos socialmente para homens e mulheres, fazendo com que haja um “trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social”<sup>90</sup>. Nesse contexto de naturalização se criam lugares específicos para homens e mulheres na sociedade e a legitimação de ideias com argumentos como “isso é coisa de homem/coisa de mulher” e “fez isso porque é homem/porque é mulher”.

Na tentativa de desmerecer as questões de gênero, são utilizadas todas as ferramentas, em alguns momentos até explicitando a contradição dentro das críticas. Soihet aponta que há um comprometimento do propósito libertário destas mídias quando se assume a postura misógina de se voltar contra as mulheres que decidem por seguir em uma luta para conquistar melhores direitos para as mulheres, e também ao julgar aquelas que assumiam certas características tidas como inadequadas à feminilidade<sup>91</sup>. Ao mesmo tempo, em que as mulheres são julgadas por alguns por não serem femininas o suficiente, outros grupos

<sup>88</sup> BOURDIEU. Op. cit., p. 18.

<sup>89</sup> Ibid, p. 46.

<sup>90</sup> Ibid, p. 9.

<sup>91</sup> SOIHET. Op. cit., 2005, p. 594.

desmerecem a luta das mulheres ou o quanto elas poderiam contribuir para a causa libertária por serem consideradas femininas demais. Nas palavras de Ramminger:

No entanto, apesar de toda a dedicação à causa revolucionária, existia uma clara intolerância dos companheiros com pequenas vaidades femininas, tais como usar minissaia, salto alto, passar rímel nos cílios e pintar os lábios. Para minha surpresa, meu comportamento, considerado por eles como "pequeno-burguês", foi pauta de uma de nossas reuniões.<sup>92</sup>

Ainda que a *Pif-Paf* não falasse abertamente sobre as questões de gênero, é possível refletir sobre quais os posicionamentos dos seus autores a partir dos silêncios e presenças das mulheres dentro da revista.

Uma seção que se repetiu em diversos exemplares da revista foi o Stripif-tease, onde era representada em uma série de fotos, uma mulher tirando a roupa (Anexo: figura nº 9). Uma legenda ainda ironizava a necessidade de se ter muitas qualidades intelectuais para ser uma “garota PAF” e ser retratada naquele segmento da revista. A sexualização do corpo feminino não estava explícita somente nesse segmento da revista, também estando presente na coluna “Alfabetes” (Anexo: figura nº 11), onde um desenho de mulher ia se despindo ao longo de algumas imagens e apresentando alguma letra do alfabeto. Talvez fosse uma alusão aos trabalhos da esquerda em alfabetizar a população carente e uma crítica à proibição de voto para os analfabetos, mas porque escolher esse tipo de representação, utilizando da sexualização do corpo feminino?

A seção “Cara e coroa” consistia na escrita de metade da piada/charge/montagem em um lado da página, o restante só poderia ser visto ao virar a página. Como podemos ver nas figuras 12 e 13, para os autores da *Pif-Paf* “mulher depende muito de como ela se apresenta”<sup>93</sup>, ideia que também está muito presente nas diversas páginas que o periódico dedicou ao “Monoquíni” (Anexo: figuras nº 14, 16, 17, 18, 19, 20 e 21). O estereótipo da mulher como objeto, ou como apenas um ser sexual está presente de forma constante nas páginas da revista. Burke aponta que a maioria dos estereótipos criados do “outro” – como por exemplo das mulheres pelos homens – é “hostil, desdenhosa, ou no mínimo condescendente”<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> RAMMINGER, Op. cit. p. 141.

<sup>93</sup> Revista Pif-Paf, nº 4, p. 12/13.

<sup>94</sup> BURKE. Op. cit., p. 157.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a instauração de uma ditadura civil-militar no Brasil, mesmo em um complicado contexto de repressão, censura, perseguições e tortura, ainda existiu uma relativa resistência contra as arbitrariedades e a violência do governo. Essa resistência existiu desde os primeiros momentos após o golpe e se deu em diversos setores da sociedade, entre outros, na área intelectual, cultural e social.

Apesar de a grande mídia tentar criar um contexto de manipulação da sociedade, defendendo os interesses da ditadura e abafando os seus abusos, existiu também a resistência na forma de uma imprensa alternativa. Trazendo uma forte discurso politizado contra a ditadura, ela conseguiu resistir e se multiplicar por todo o país, fazendo frente contra o autoritarismo e defendendo a democracia.

A *Revista Pif-Paf* foi um marco dentro da história das mídias e da imprensa alternativa, pois além de ter sido a primeira mídia criada como forma de protesto pós golpe de 1964, seu humor ácido ficou marcado na história pelas fortes críticas que fez ao governo militar, mesmo nos seus poucos meses de existência. A *Pif-Paf* foi a precursora e inspirou diversos outros periódicos que surgiram depois com o mesmo objetivo que ela: protestar através do humor, aproximando do ridículo os mandos e desmandos de um regime militar autoritário e golpista.

Apesar de seu forte posicionamento político, a *Pif-Paf* ainda reproduzia estereótipos e preconceitos quando se tratava de questões de gênero e sexualidade. Fazendo piadas com a homossexualidade e sexualizando o corpo feminino, ia de encontro com o seu próprio propósito libertário. É importante ressaltar que a revista é um produto do seu contexto, onde o debate de gênero ainda não era amplamente divulgado no Brasil, porém é necessário analisar e problematizar a perpetuação desses estereótipos e questionar as presenças e ausências de certas posturas dentro dos periódicos como o *Pif-Paf*.

Ainda hoje podemos ver a tendência dentro de determinados movimentos ditos libertários de hierarquizar pautas, esquecendo dos atravessamentos de tantos outros princípios de diferenciação sociais, como trazidos por Chartier<sup>95</sup>. Ao privilegiar certas pautas e relegar outras ao esquecimento – ou a ridicularização destas – há de se refletir até que ponto

---

<sup>95</sup> CHARTIER, 1991, op. cit., p. 180/181.

realmente vai a luta pela quebra dos padrões morais que se diz combater. A manutenção de certos privilégios (de gênero, de raça, de classe, entre outros), acaba se tornando mais importante do que a libertação de padrões antiquados e preconceituosos.

Ao trabalhar com imagens, é importante sempre ter em mente que elas são um testemunho de arranjos sociais do passado, e também das formas de se ver e pensar este passado<sup>96</sup>. As representações nunca são esvaziadas de significados e subjetividades daqueles que as constroem, e sendo as imagens representações, elas também são carregadas dessa subjetividade e de objetivos trazidos por aqueles que as criaram. Por isso, é necessário problematizar, não só a *Revista Pif-Paf*, como diversos outros periódicos e mídias produzidas no mesmo contexto em que ela foi produzida.

Por fim, cabe ressaltar também que, a partir das análises desenvolvidas, bem como a elucidação da questão de gênero dentro de uma revista que dizia combater os diversos padrões morais da sociedade, e do modo como o humor se fez presente nela, podemos concluir que apenas a consciência de classe não é o bastante para a derrubada de preconceitos existentes na sociedade. É preciso que o contexto seja analisado a partir de todos os seus atravessamentos: gênero, raça, classe e sexualidade; que precisam ser pensados de forma a se complementarem e se atravessarem.

A abertura desse debate ao longo dos anos, vem contribuindo imensamente para a reflexão das estruturas da opressão presentes na nossa sociedade, seja dentro da direita, seja dentro da esquerda. É somente com a análise, reflexão, e auto crítica, aliando estes questionamentos com o pensamento interseccional, trazido em obras como *Mulheres, raça e classe* (1981), de Angela Davis, que podemos avançar no debate e no combate a essas estruturas.

---

<sup>96</sup> BURKE. Op. cit., p. 234.

## FONTES UTILIZADAS

Encarte “Pif-Paf 40 Anos Depois: coleção fac-similar das 8 edições da Revista Pif-Paf de Millôr Fernandes”. Organizadora Z’AS (Eliana Caruso). Rio de Janeiro: Argumento, 2005

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de. A participação da imprensa na queda do Governo Goulart. *In: FICO, Carlos et. al (Orgs.), 1964-2004 40 anos do Golpe: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1984.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

CARRION, Raul. A ditadura não foi uma criação de “homens maus”. *In: PADRÓS, Enrique Serra et al (Orgs.), A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964 – 1985): história e memória*. Porto Alegre: Corag, 2010 – v. 2.

CHARTIER, Roger. A história cultural. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CUNHA, Luiz Cláudio. Máximas e mínimas: os ventos errantes da mídia na tormenta de 1964. *In PADRÓS, Enrique Serra et al (Orgs.), A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964 – 1985): história e memória*. Porto Alegre: Corag, 2010 – v. 1.

JORNAL DO BRASIL, 13 set. 1963.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234-241, Junho/2003.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2017.

PONT, Raul. Ausências e presenças da resistência na ditadura. *In*: PADRÓS, Enrique Serra et al (Orgs.), A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964 – 1985): história e memória. Porto Alegre: Corag, 2010 – v. 1.

RAMMINGER, Iñez Maria Serpa, “Na guerra com batom”. *In*: PADRÓS, Enrique Serra et al (Orgs.), A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964 – 1985): história e memória. Porto Alegre: Corag, 2010 – v. 2.

SCOTT, Joan W. El género: una categoría útil para el análisis histórico. *Historical review*, v. 91, p. 1053-1075, 1986.

SILVA, Carla Luciana. Imprensa e ditadura no Brasil: *Veja* e consenso. *In*: PADRÓS, Enrique Serra (org). CONE SUL em tempos de ditadura: reflexões e debates sobre a História Recente. Porto Alegre: Evangraf/UFRGS, 2013.

SKINNER, Quentin. Hobbes e a teoria clássica do riso. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Estudos Feministas*, p. 591-611, 2005.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *ArtCultura*, v. 9, n. 14, 2008.

SOUZA, Tárík de. Como se faz humor político. Henfil. Depoimento a Tárík de Souza. Petrópolis: Vozes, 1984.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975–1980). São Paulo: Intermeios, 2013.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, v. 3, p. 29-62, 1994.

Documentário “Resistir é preciso”, 2014. Produção: Tc Filmes e TV Brasil; Direção: Ricardo Carvalho e Mário Masetti; Roteiro: Ricardo Carvalho e Carlos Azevedo. Disponível em:

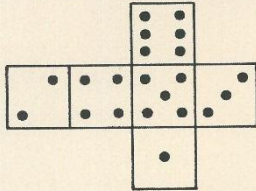
<https://www.youtube.com/watch?v=7o8ukCQFYy4&list=PLcdYRsZd3X4jrCvEiRigP0-gmFxo7R1hj> . Acessado em: 19 de fevereiro 2018.

Documentário “O dia que durou 21 anos”. 2012 Produção: Karla Ladeia por Pequi Filmes.  
Direção: Camilo Tavares.





# Regras fundamentais para o JÔGO da DEMOCRACIA



**H**A' exatamente 17 séculos, num dia de escuridão a pino, inventou-se, numa estrada grega, que a história depois disse que era um jardim (o de Academus), um jôgo diabólico chamado Democracia. Desde então ninguém mais parou de jogá-lo, tal a emoção que ele encerra. O jôgo, como sabem todos os leitores (exceto os fascistas, os comunistas, os socialistas, os equilibristas e os punguistas) consiste, na forma brasileira, em uma pessoa chegar ao Alvorada. Para isso, porém, não se faz a coisa lógica que seria tentar chegar lá pelo caminho mais curto e mais bem pavimentado. O importante, fica claro, é, mais do que chegar, impedir que alguém chegue.

**REGRAS**

- I) — Quem quiser jogar basta recortar o dado que damos acima, e colá-lo em cartolina. Se o Jôgo não for solitário o leitor deve comprar mais de um exemplar da revista, e aí já começa o golpe (nosso). Este Jôgo se caracteriza exatamente pelo vasto número de pessoas que nele tomam parte, e pelo excesso de dados.
- II) — Cada jogador tem que vir acompanhado de pelo menos 100 mil votos. Ou 100 mil contos. Ou um Jornal Diário. Ou uma divisão blindada.
- III) — Se algum dos jogadores desobedecer às regras, vencendo o outro ilícitamente, o Jôgo passa a se chamar Jôgo da Ditadura.
- IV) — O Jogador que jogar deslealmente terá seu dado cassado.
- V) — Os jogadores podem jogar em times chamados Time da Direita e Time da Esquerda. Mais de dois times é o caos.
- VI) — Pelo seu caráter pernicioso e violento, o Jôgo da Democracia já foi proibido em vários países. Mesmo no Brasil, durante vários anos, em vários períodos, o Jôgo só era permitido clandestinamente. E' por isso que repetimos: Jogue o Jôgo da Democracia hoje mesmo. Amanhã pode ser tarde.



Muita gente reclamou do papel de nosso primeiro número. Não estamos tendo

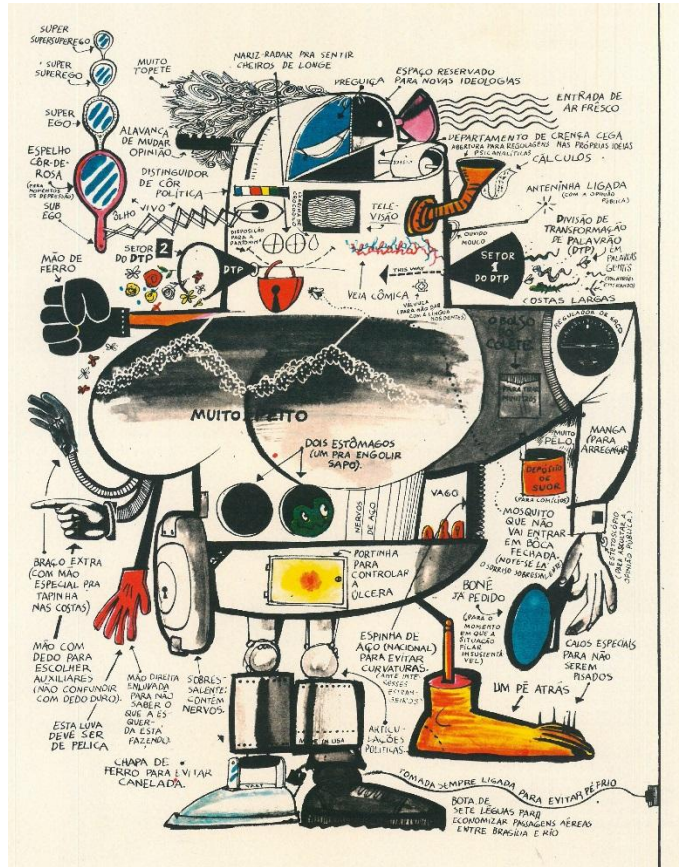


Figura 4 - Pif-Paf nº 2, página 19.

Figura 3 - Pif-Paf nº 2, página 2.



Figura 5 - Pif-Paf nº 3, capa.

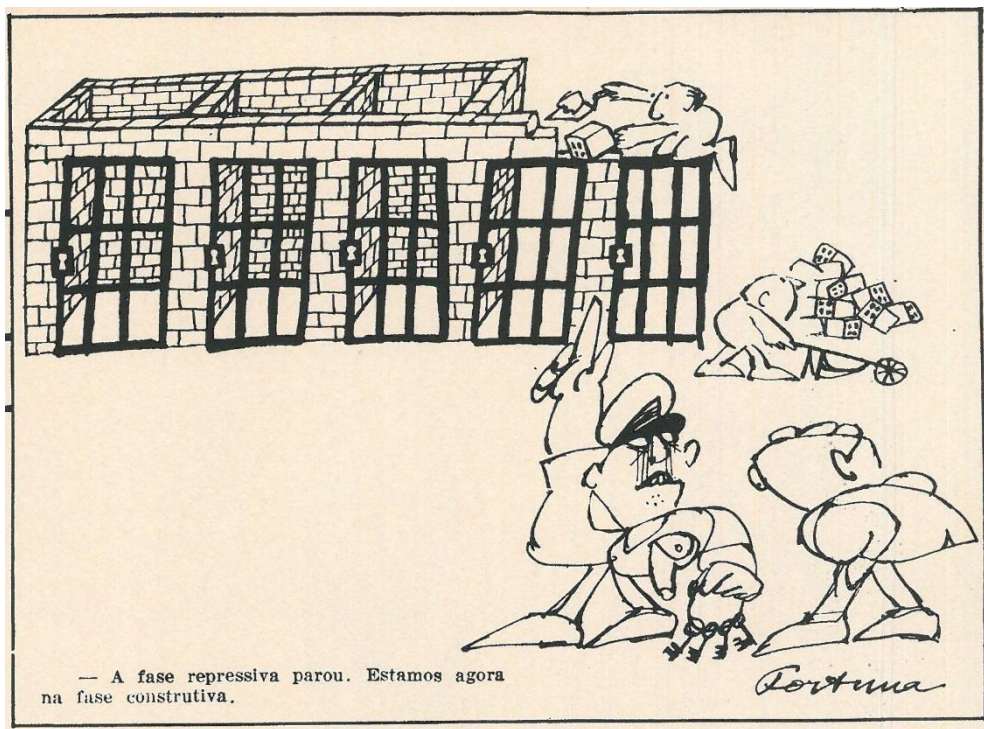


Figura 6 - Pif-Paf nº 4, página 3.



Figura 7 - Pif-Paf nº 6, página 3.

# ADVERTÊNCIA!

QUEM AVISA, AMIGO É: SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CERTOS JORNALISTAS FALEM EM ELEIÇÕES; SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE DETERMINADOS JORNAIS FAÇAM RESTRIÇÕES À SUA POLÍTICA FINANCEIRA; SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUNS POLÍTICOS TEIEM EM MANTER SUAS CANDIDATURAS; SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUMAS PESSOAS PENSEM POR SUA PRÓPRIA CABEÇA; E, SOBRETUDO, SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CIRCULE ESTA REVISTA, COM TÔDA SUA IRREVERÊNCIA E CRÍTICA, DENTRO EMBREVE ESTAREMOS CAINDO NUMA DEMOCRACIA.

Figura 8 - Pif-Paf nº 8, contracapa.



\* gentileza de  
montmartre móveis  
\* gentileza  
de bere

Bere, rainha da praia, do castelinho,  
é a primeira candidata a ser a garô-  
ta mais PAF do ano. Você também  
poderá se candidatar, mas não se  
iluda, para ser uma garôta PAF são  
necessárias muitas qualidades inte-  
lectuais.

PG 19

o stripif/tease  
do

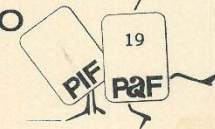


Figura 9 - Pif-Paf nº 1, página 19.

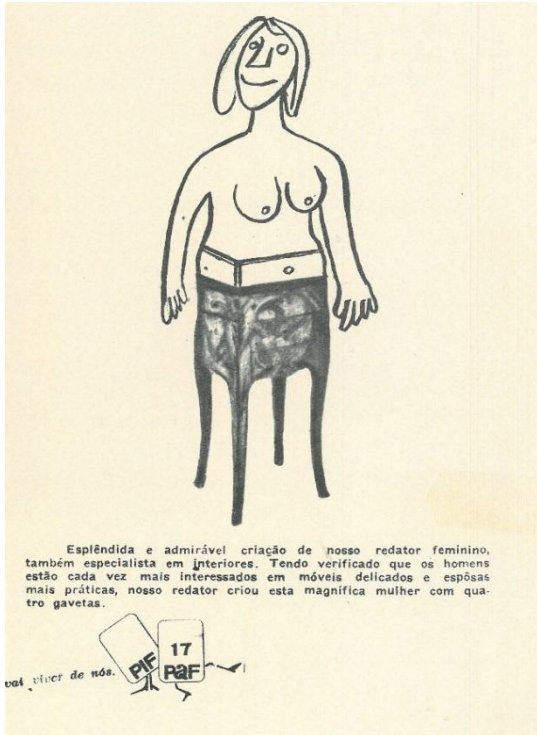


Figura 10 - Pif-Paf nº 2, página 19.



Figura 11 - Pif-Paf nº 4, página 6.



Figura 12 - Pif-Paf nº 4, página 15.

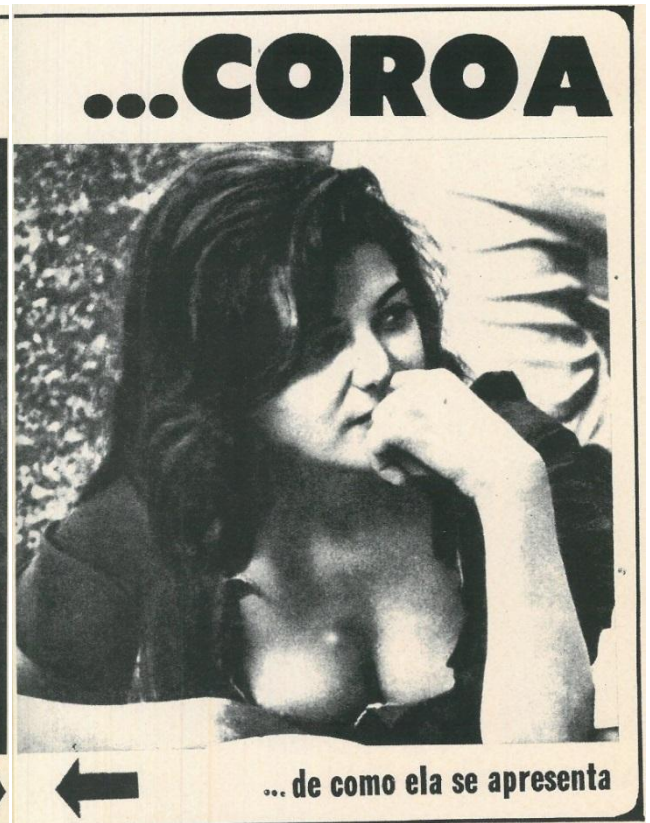


Figura 13 - Pif-Paf nº 4, página 16.



Figura 14 - Pif-Paf nº 5, página 2.

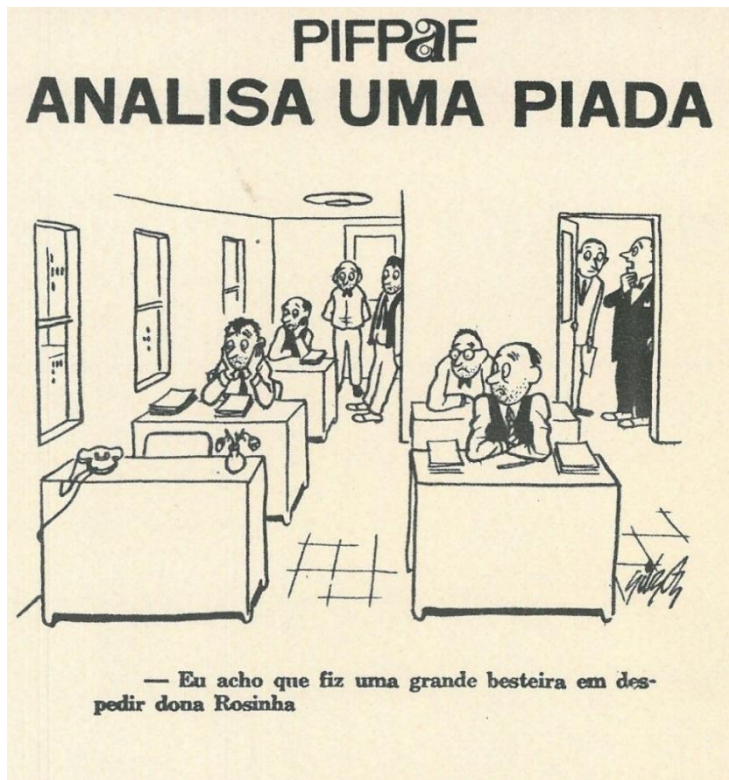


Figura 15 - Pif-Paf nº 5, página 4.

# MONOQUÍNIS



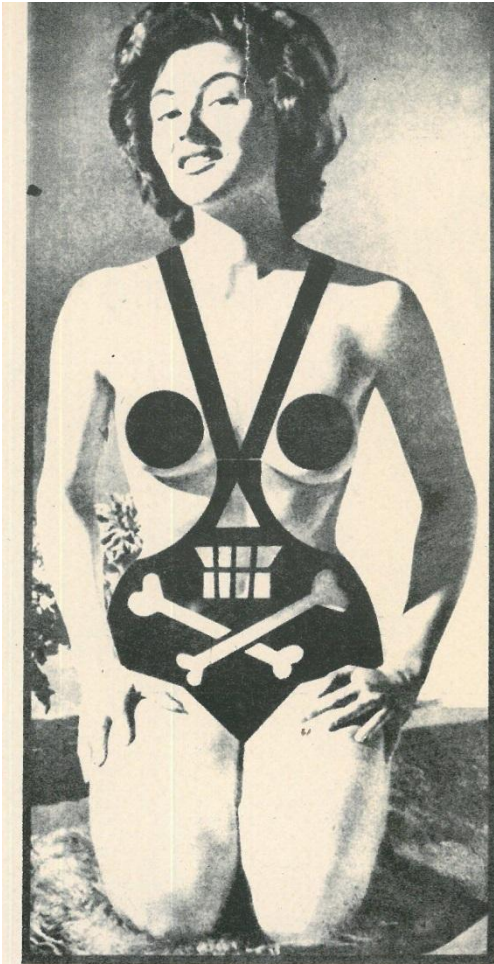
Monoquíni com espaço reservado para publicidade out-door. Sim, estimado anunciante, aqui, neste modelo, o seu dinheiro será realmente mais bem empregado se seu produto precisa mesmo de uma publicidade bem visível ao ar livre. Nenhum outro produto estará anunciado tão out-door quanto o seu. Preços segundo o tamanho, a beleza e a simpatia da usadora, e os lugares que ela frequenta.

## VARIAÇÕES EM TÔRNO DE UM TEMA (Ou melhor, de dois)

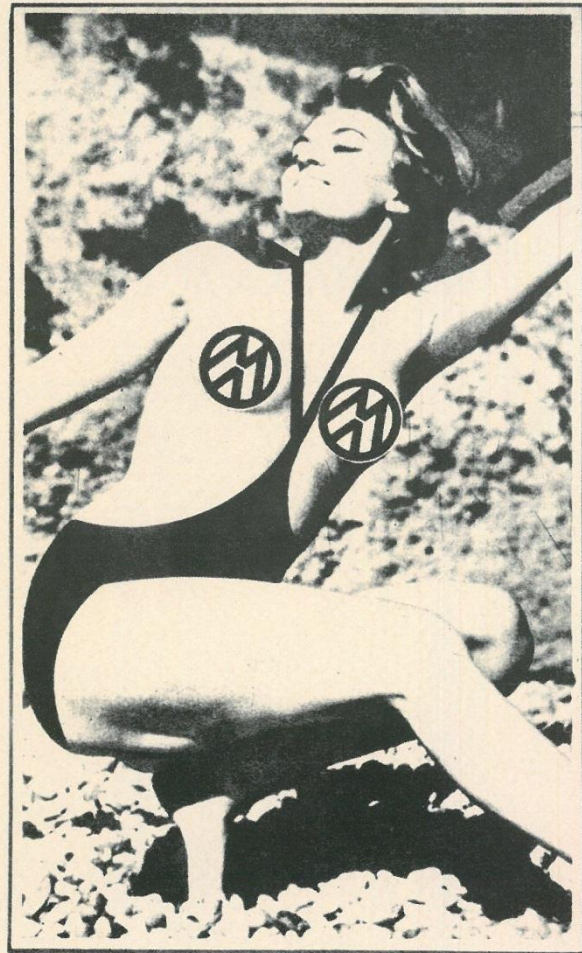
Apesar de, já na capa, a equipe técnico-artística do Pif-Paf se declarar frontalmente (frontalmente é o termo) contra o monoquíni (leia explicação à página 10) não queremos, contudo, que qualquer desafeto nosso possa considerar isso apenas uma demonstração de despeito, perdão, despeito, perdão ainda, receio: ora, vá lá. Assim, mostrando que nosso problema não é aquele, nem falta de imaginação, apresentamos aqui, às leitoras que aderiram ao monoquíni, várias formas práticas e sucintos tipos novos da já famosa indumentária de banho. Estude a leitora, recorte a leitora, junte ao talento que Deus nos deu o físico com que a natureza a dotou e saia em frente, no próximo verão, que o sol do Castelinho a espera, mais ávido do que nunca.

Figura 16 - Pif-Paf nº 5, página 4.



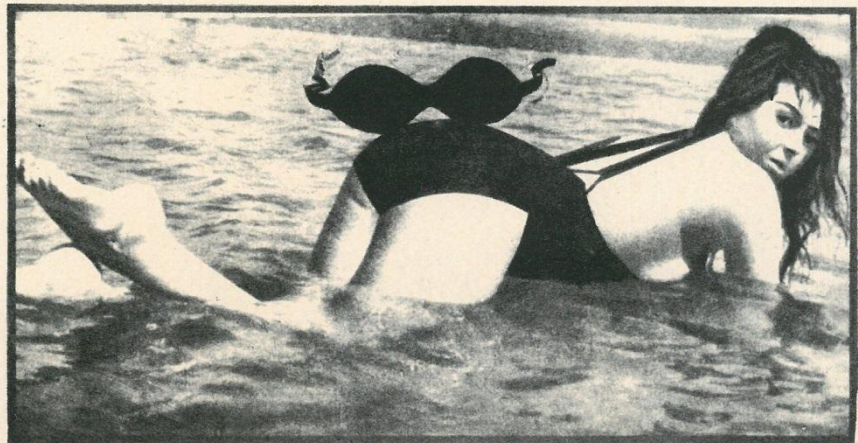


▲ **Modêlo Christine Keeler.** Tipo de monoquini baseado diretamente na principal façanha da famosa miladynha inglesa: fêz a caveira do doutor Ward. Baseado também no humor negro, êste monoquini é uma primeira tentativa de sensualidade negra.



▲ **VOLKINI** — Modêlo extremamente prático, econômico. Deve ser usado de preferência em lugares de campo, pois para ser exibido não tem necessidade de água. O Volkini é considerado o bom senso em monoquinis. (Nota importantíssima para a leitora pifá: nenhum desses monoquinis se encontra à venda no comércio pois são criações exclusivas de nossa equipe especializada. Aliás são todos pintados a mão. Qualquer leitora interessada poderá passar na redação do "Pif-Paf" e experimentar qualquer desses modelos, feitos na hora pelos nossos artistas.)

Modêlo MMNT (Monoquini ma non troppo.) Para ser usado exclusivamente por aquelas jovens que, tendo mal aderido ao velho biquini, se viram de repente (contrafeitas e a mêdo) obrigadas a aderirem ao Monoquini. Este modêlo, por isso, é munido de um pequeno sobressalente, de tipo conservador, destinado à proteção da parte recentemente descoberta, em caso da jovem sentir frio, pudor, ou qualquer desses outros sentimentos antigos. ▶

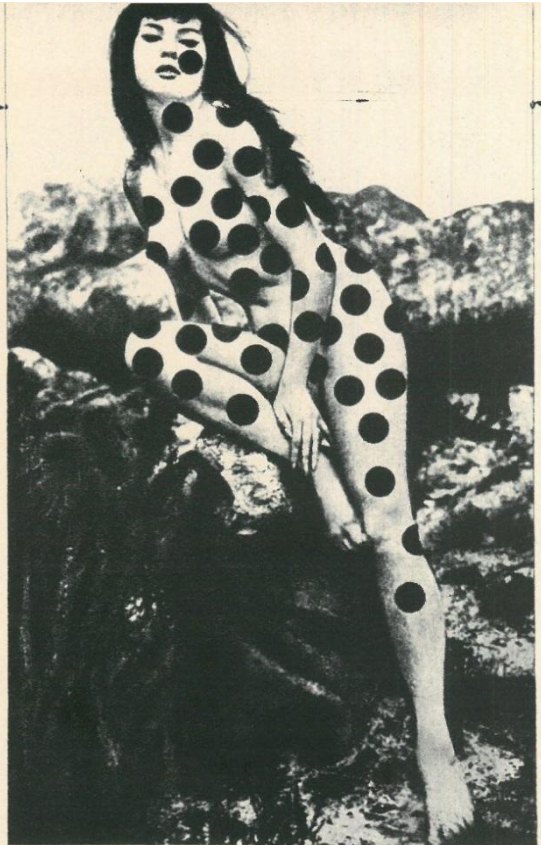




AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES DO PIF-PAF

MODELOS DE  
**MONOQUINIS**  
DE NOSSA ALTA COSTURA

Prosseguindo na apresentação de sua série de revolucionários modelos de monoquinis (apesar de, insistimos, sermos *contra*, isto é, a favor do Pifini, que descobre o lado mais lindo da mulher carioca) o Pif-Paf mostra, hoje, quatro modelos exuberantes (exuberantes são os modelos, esclarecemos). Trata-se de um trabalho exaustivo (exaustivo não na confecção dos modelos, esclarecemos) de nossa equipe especializada em erótica teórica e prática.



Modelo Piauí ou Sarampinho, de inspiração óbvia. Não cobre nada do que não deve e cobre tudo que deve. Deixa ampla área coberta e deixa área ainda ampla arejada. (Pintado a mão Cr\$ 180.000,00.)



Modelo Castelhinho com suspensórios fingidos e mocinha também fingida. A alça do meio serve para segurar as calcinhas do modelo e as outras não servem pra nada. Vende-se na Oca (Couro de lontra — 78 mil. Couro de gazela — 140 mil.



Modelo Nouvelle Vague (Ou La Tigre.) Com suéter superposta para os dias de frio intenso e um maiôzinho de nada para os dias de Cabo Frio. Pode ser encontrado nas melhores casas do gênero. Que gênero? eis o problema.



Cabo Frio, magnífico modelo, também pintado a mão. (Preço Cr\$ 500.000,00. N. B. — Todos os modelos, pintados a mão pelos nossos artistas exclusivos, podem ser assinados e autenticados, de acordo com a lei 345.778 § 12).

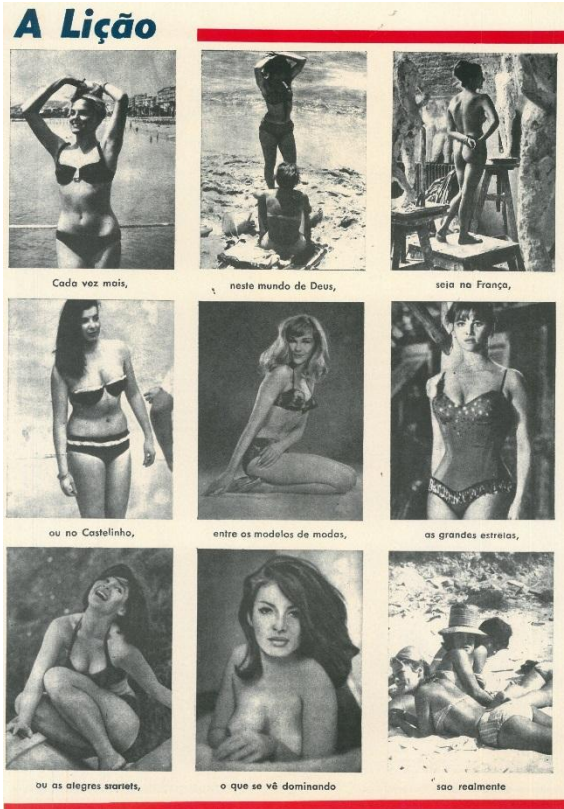


Figura 22 - Pif-Paf nº 6, página 6.

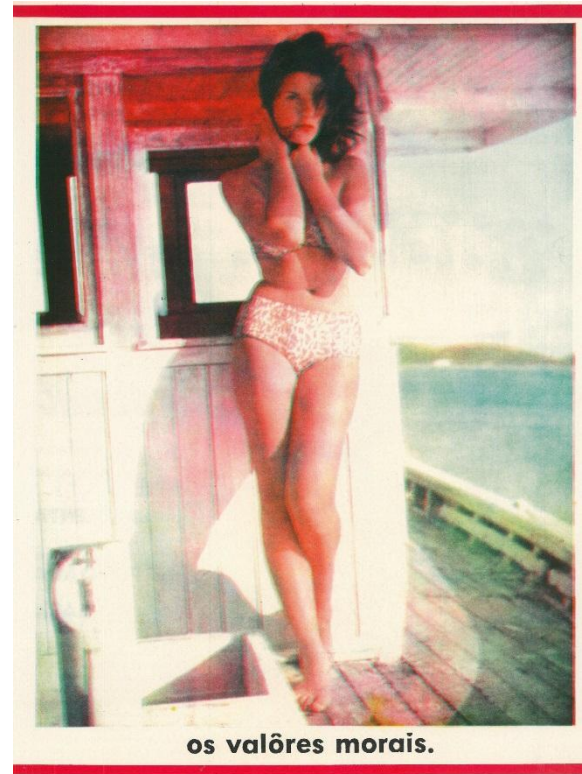


Figura 23 - Pif-Paf nº 6, página 7.

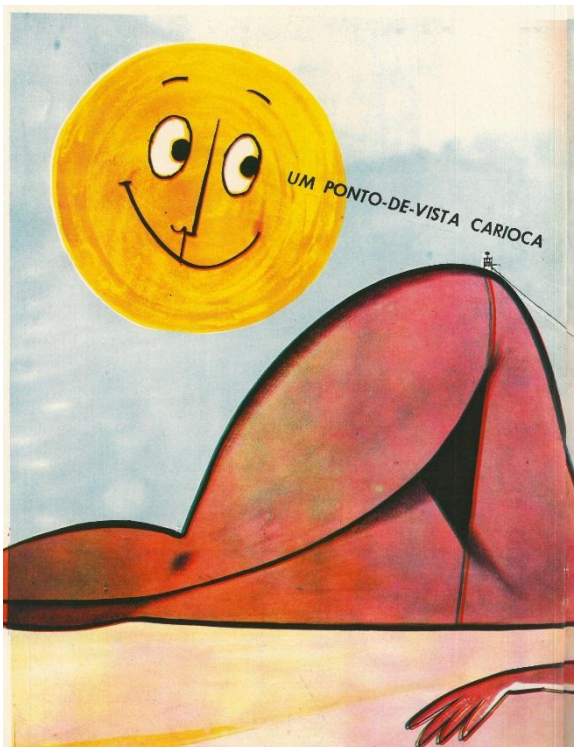


Figura 24 - Pif-Paf nº 6, página 18.



Figura 25 - Pif-Paf nº 6, página 19.

# **Miss Alvorada 65** **ou melhor** **Miss Alvorada 66** **se Deus quiser**

Publicamos hoje a nossa segunda candidata ao título de MISS ALVORADA 1965, de acôrdo com a sugestão do leitor Carlos Kubitschek de Barros Pinto. Infelizmente temos que pedir desculpas pelo pequeno adiantamento que houve para a data final do concurso, mas é que o membro mais importante do Júri, a senhorita Costinha, achou que o prazo era realmente demasiado curto para tão importante decisão. Assim sendo passaremos a chamar nossas candidatas, de agora em diante, de MISS ALVORADA 66, SE DEUS QUISER. Esperamos que o sucesso de nossa primeira apresentação exclusiva (quando retratamos a senhorita Ademarina Urnamarajoara) seja seguido pelo de hoje, em que apresentamos outra encantadora concorrente ao esperado título.

Senhorita Magalhina Boa Pinta, Representante de Minas Gerais



Figura 26 - Pif-Paf nº 6, página 23.

## Ameaçado nosso concurso

# Miss Alvorada 66 se Deus quiser

Ao encerrarmos nossa edição, já com o retrato de nossa nova e encantadora Miss impresso (Miss Carlota Corwina, candidata ao título pelo Estado da Guanabara) tivemos a notícia de que o concurso sofrera sérios abalos devido a declarações feitas por essa intempestiva e incontrolável senhorita. Uma das mais entusiastas concorrentes ao título, mesmo quando se pensava em que o concurso não se realizaria, a senhorita Carlota Corwina foi uma das primeiras que colocou seu nome entre as disputantes quando abrimos as nossas inscrições. Realmente, Carlota levava grandes possibilidades de ganhar o concurso, mas, com o adiamento deste por um ano, como já é uma senhorita de certa idade,

corre o risco de ver entrar no páreo outras concorrentes mais novas e mais sedutoras, que consigam atrair maiores simpatias por parte do júri militar, isto é, do júri que militar. Irritada com o adiamento, a senhorita Corwina declarou logo que o concurso michou e que pretende denunciar a intenção de perpetuidade da senhorita Castelinho, atual detentora do título de Miss Alvorada. Ao encerrarmos esta edição, havia já cochichos, nos bastidores do concurso, pretendendo cassar a cabeleira da senhorita Carlota (visivelmente postiça, como se vê na foto) e até mesmo seus óculos, sem os quais, como se sabe, ela não enxerga um palmo adiante do seu delicioso narizinho.

## MISS

# CARLOTA CORWINA

### REPRESENTANTE DA GUANABARA

Para os nossos milhares de leitores que seguem, ávidos, a apresentação das candidatas ao título de «Miss Alvorada 66, se Deus quiser» aqui está uma das maiores concorrentes ao título: Senhorita Carlota Corwina, representante da Guanabara. Como notarão os leitores mais atilados, esta Miss, de extraordinária envergadura intelectual, se apresentou de imediato exibindo seus magníficos dotes, certa de que é dona do páreo. Para nosso fotófrago exibiu o talhe de sua figura envolto num maiô de pele de tigre, pois faz questão de mostrar que é uma fera. Queria mesmo, com a audácia que lhe é peculiar, apresentar-se de monoquini, coisa que foi impedida de fazer. Insistindo, porém, dizendo que estava sendo cercada na sua liberdade de expressão, tivemos que apelar para a letra do estatuto geral do Concurso Miss Alvorada 66, estatuto esse como se sabe, que poderá ser alterado à vontade pelo júri que militar no dia do julgamento final. A senhorita ameaçou rasgar a sua fantasia, mas afinal cedeu, diante dos apelos da razão e do bom-senso, ficando o rompimento para outra ocasião. Como notará o leitor mais atilado a senhorita Carlota Corwina, corre sério risco de não ser eleita — em que pese suas pretensões — pelo fato de ser mal proporcionada — vê-se que a parte superior do corpo é sensivelmente maior que o restante. Deve-se isso ao fato de que o talento lhe subiu à cabeça.



Que é que vocês acham melhor? Distribuírmos os quinhentos contos do prêmio ou embarcarmos pra Europa?

## CONCURSO MISS ALVORADA

### Briga e reconciliação da detentora do título com a principal candidata

▶ Nosso concurso exclusivo, sugerido inicialmente por Carlos Kubitschek de Oliveira, continua cada vez mais sensacional. Apresentamos hoje a cena, por todos os títulos lamentável, tomada na ocasião em que a senhorita Castelinho, detentora atual do cobiçado posto de Miss Alvorada, investia a dentadas contra a repreensível candidata Miss Carlota Corwina. Realmente Carlota se excedeu nas críticas à ocupante do cargo, apesar de anteriormente tanto tê-la ajudado na posse. O seu grito de que o concurso havia michado ecoou amargamente aos ouvidos de Miss Castelinho que não resistiu e agrediu-a na presença de inúmeras testemunhas.



▶ Nesta outra cena vê-se, porém, que as brigas entre amigas antigas e verdadeiras não duram muito. Aproximadas pelos próprios interesses do concurso Castelinho e Carlota logo voltaram às boas, aceitando fumar o cachimbo da paz, ou melhor, beber o drinque da reconciliação, o que fizeram — como se vê na foto — nos esplêndidos jardins tropicais do Alvorada. Note-se a sadia e já completamente desanuviada expressão de Miss Carlota em contraste com a cara ainda turva e contrafeita de Miss Carlota Corwina. A última declarou, posteriormente, que não deseja continuar suas críticas a Castelinho. Mas que o concurso michou, michou.



Se você lê estas notas em corpo 6, por que não anunciar em nossas páginas, pelo menos em corpo 8